

CAMPO

ISSN 2178-5781

Ano XXIV | 354 | Fevereiro 2025



Onde colocar tanto grão?

Possibilidade de supersafra expõe problemas no armazenamento e acende alerta para gestão pós-colheita, especialmente para a segunda safra



FAEG
SENAR
IFAG
SINDICATO RURAL

CURSO GRATUITO E ONLINE

Nutrição do Solo para Cultivo de Frutíferas

Invista no cuidado com o solo e veja
a diferença no seu pomar.



Matricule-se no novo curso do Senar Goiás!

Acesse: ead.senargo.org.br



Gargalos e ensinamentos

Recentemente, tanto a Expedição Safra, capitaneada pelo Sistema Faeg/Senar/Ifag, quanto a abertura da colheita estadual da safra de soja foram celebradas pelo prognóstico de super safra que deveremos ter no nosso Estado. Nossos técnicos foram enfáticos em afirmar que haverá resultados muito positivos quanto aos números que Goiás deverá alcançar no ciclo 2024/2025 – corroborados pelos dados tanto do nosso Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag), quanto de instituições como a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

São Pedro colaborou, mandando chuva na hora certa. O clima foi fator decisivo e o cenário que se desenha é de que teremos Goiás novamente entre os maiores produtores de grãos, na primeira safra, com expectativas ainda positivas para a safrinha que começou a ser plantada.

No entanto, atenção! Nosso Estado ainda padece de velhos gargalos logísticos que assolam o País de modo geral. A armazenagem desses grãos, neste panorama, pode voltar a ser um problema. É um velho conhecido nosso, mas que pelo passado, ainda precisamos aprender a lidar. A matéria de capa traz exemplos dessa situação e chama a atenção para a necessidade de investimentos nesse setor. É possível e há meios para isso, mas precisamos nos organizar para captar recursos necessários e ampliarmos a capacidade de armazenar nossos grãos.

Chamo atenção ainda, nesta edição, para outra questão que permeia mais de uma matéria desta edição. Trata-se da sustentabilidade e aqui temos atenção quanto à COP-30, que deverá ser realizada no Brasil neste ano. A

Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025 será realizada no Brasil e temos uma oportunidade ímpar de mostrar para o mundo o quanto o agro brasileiro preserva e é uma referência a ser seguida. Além do nosso Código Florestal, temos diversas iniciativas do setor agropecuário que podem ser chave no processo de mudança da mentalidade global a respeito de produção e preservação, como os sistemas de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), os créditos de carbono e a produção e utilização de bioinsumos.

Precisamos fazer parte dessa pauta e mobilizar todo o setor produtivo afim de mostrar o potencial brasileiro para as Nações Unidas. É acabar com preconceito de que sustentabilidade e agro são divergentes. Pelo contrário, como outras matérias mostram na revista, o agro tem lidado com diversas iniciativas que incluem reflorestamento, cuidados com o solo e o investimento cada vez maior em ESG (Environmental, Social and Governance – Ambiental, Social e Governança).

Temos gargalos a superar, como sempre. Mas também temos muito do que nos orgulhar e mostrar para o mundo do que somos capazes, produzindo, alimentando as nações e protegendo o meio ambiente. Boa leitura!



José Mário Schreiner
Presidente do Sistema Faeg/Senar

CAMPO

A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Conselho editorial: Eduardo Veras, Ailton José Vilela, Armando Leite Rollemberg Neto, Claudinei Rigonatto, Dirceu Borges.

Diretor Técnico: Leonnardo Furquim.

Diretora de Comunicação: Michelly Mancinelli.

Edição e revisão: Fernando Dantas e Renan Rigo.

Reportagem: Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Gabriela Sérgio, Renan Rigo e Revana Oliveira.

Fotografia: Fredox Carvalho.

Diagramação: Isabele Barbosa.

Foto da capa: Larissa Melo.

Fotos do Paine Central: Divulgação, Fredox Carvalho, Larissa Melo e Wenderson Araujo/CNA

Tiragem: 5.000 exemplares.

Comercial: (62) 3096-2124 | (62) 3096-2200.

DIRETORIA FAEG

Presidente: José Mário Schreiner.

Vice-presidentes: Eduardo Veras de Araújo e Enio Jaime Fernandes Júnior.

Vice-presidentes Institucionais: Ailton José Vilela e José Vitor Caixeta Ramos.

Vice-presidentes Administrativos: Armando Leite Rollemberg Neto e Eliene Ferreira da Silva. Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traldi Chiari, Margaret Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.

Conselho Fiscal: Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antônio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.

Suplentes: Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.

Delegados Representantes: Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.

Suplentes: Nilson Fogolin e José Fava Neto.

CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR

Presidente: José Mário Schreiner.

Superintendente: Dirceu Borges.

Titulares: José Mário Schreiner, Daniel Klüppel Carrara, Orlando Luiz da Silva, Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.

Suplentes: Geovando Vieira Pereira, Eduardo Veras de Araújo, Eleandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.

Conselho Fiscal: Wildson Cabral Santos, Marcus Vinícius Rodrigues Souza Lino e Sandra Pereira de Faria.

Suplentes: Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.

Conselho Consultivo: Thomas David Taylor Peixoto, Nivaldo dos Santos, Pedro Leonardo de Paula Rezende, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.

Suplentes: Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

Sistema Faeg Senar

Rua 87 nº 708, Setor Sul. CEP: 74.093-300

Goiânia - Goiás

Contato Faeg: (62) 3096-2200 faeg@sistemafaeg.com.br

Contato Senar: (62) 3412-2700 senar@senar-go.com.br |

comunicacao@senar-go.com.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.

Acesse:



sistemafaeg.com.br



@SistemaFaeg



sistemafaeg



senar/ar-go



sistemafaeg



SistemaFaeg



sistemafaeg



sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts

Assistente Virtual

62 3096 2200

Painel Central



24 Sustentabilidade

Projeto Senar Serviços ESG ganha destaque e estimula produtores goianos a investirem em ações ambientais, sociais e de governança



28 Reflorestamento

Produtores rurais, trabalhadores e integrantes da comunidade de Americano do Brasil participam de ação do grupo Faeg Jovem na revitalização de áreas na Bacia do Rio dos Bois



Caso de Sucesso

16

Após participarem do Proarte do Senar Goiás, artesãs de Formosa conseguem fortalecer o trabalho que desenvolvem e lucrar mais



12

Prosa Rural

Gerente do Grupo Técnico e Econômico da Faeg, Edson Novaes

06

Porteira Aberta

30

COP 30

08

Sistema em Ação

33

Mitos e Verdades

10

Opinião

34

Info Senar

11

Ação Sindical

37

Receitas do Campo

27

Tecnologia

38

Dica de Vó



32

Senar Responde

Técnico de Campo do Senar Goiás tira dúvidas sobre cultivo de café em Goiás

Capa



Com previsão de safra recorde de grãos no Brasil e em Goiás, cresce também a preocupação com as opções disponíveis de armazenamento, especialmente de soja e milho. Apesar de uma evolução na quantidade estática de armazenamento, cenário que se mostra ainda é longe do ideal. Há um déficit em relação à capacidade de produção no País. Produtores têm buscando investir em silos e armazéns, por exemplo, com intuito de driblar custos de produção e até de comprometimento da qualidade do grão. Confira!

18

Máquinas

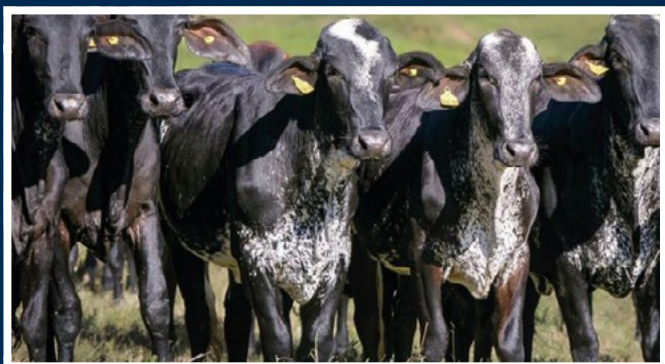


Wenderson Araujo/CNA

Foi publicada no Diário Oficial da União a Portaria nº 775/25, por meio da qual o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) institui o Programa Nacional de Modernização e Apoio à Produção Agrícola (Promaq). Com os objetivos de modernizar o setor agropecuário, aumentar a produtividade rural, promover o desenvolvimento regional e reduzir as desigualdades regio-

nais, o Promaq fará a aquisição e doação de máquinas e equipamentos agrícolas em redes e parcerias com organizações públicas federais, estaduais, distritais e municipais, além de organizações privadas. No programa, serão priorizadas as regiões com menor índice de mecanização agrícola e menor participação competitiva na produção agropecuária, além de estados e municípios em situação de emergência ou calamidade pública. Para receber os bens, o beneficiário deverá apresentar diagnóstico que demonstre a demanda específica por máquinas e equipamentos, considerando o perfil agrícola da região, a extensão da área rural e a condição das estradas vicinais. Será firmado um termo de compromisso e de doação que assegure a utilização dos equipamentos exclusivamente para os objetivos do Promaq, garantindo que os equipamentos serão utilizados em conformidade com práticas agrícolas sustentáveis e com as normas ambientais, minimizando impactos negativos.

Leite



Mapa

O Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) lançou, no dia 27 de fevereiro, o guia "Acesso ao crédito para transferência de embriões", importante ferramenta para agricultores e empreendedores familiares que buscam acessar as linhas de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). O documento visa orien-

tar produtores individuais, cooperativas, veterinários, laboratórios, sindicatos rurais e instâncias municipais de agricultura e pecuária, em apoio à produção de gado leiteiro no âmbito da agricultura familiar. O guia reforça a importância do melhoramento genético para rebanhos leiteiros através da transferência de embriões para o aumento de produtividade. Também esclarece como os produtores podem acessar o crédito do Pronaf Mais Alimentos, incluindo informações sobre as diversas linhas de crédito, documentação necessária, e como realizar projetos de crédito e submetê-los às instituições financeiras. Além disso, o guia enfatiza temas cruciais para a gestão adequada dos recursos, como assistência técnica, planejamento e educação financeira.

Acesse
a cartilha



Agrotóxicos

O Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária lançaram, no dia 20 de fevereiro, em Brasília (DF), a "Estratégia de Monitoramento Ambiental de PFOS e Agrotóxicos", com o apoio do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama). A iniciativa gerará dados sistematizados sobre a contaminação am-



Wenderson Araujo/CNA

biental por agrotóxicos e PFOS (produtos derivados de agrotóxicos de difícil degradação no meio ambiente) no Brasil para subsidiar a elaboração de políticas públicas, com o monitoramento do uso de 53 ingredientes ativos no país, durante três anos. Financiado pelo MMA, o estudo conta com a coordenação da Embrapa Meio Ambiente, responsável pela execução técnica e gestão dos recursos. Além de fortalecer a estrutura já existente, a iniciativa passa a incluir a análise de moléculas de agrotóxicos reguladas por acordos internacionais, como as Convenções de Estocolmo e Roterdã, que tratam de substâncias tóxicas e persistentes.

Influenza Aviária



Wenderson Araujo/CNA

A Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) deu início em janeiro a uma nova rodada de coletas de amostras em aves, dentro das ações do inquérito anual para comprovar a ausência de Influenza Aviária e Doença de Newcastle, em granjas comerciais e criações de subsistência localizadas em Goiás. Até agora, mais de 50 propriedades instaladas no Estado já receberam a visita dos fiscais estaduais agropecuários, medida que faz parte do Plano de Vigilância de Influenza Aviária e Doença de Newcastle. O trabalho em Goiás é realizado por cerca de 60 profissionais da Agrodefesa que atuam na vigilância ativa e é coordenado nacionalmente pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa). Nesta etapa, 204 estabelecimentos goianos foram selecionados. As propriedades foram definidas com base

em critérios específicos, como densidade populacional de aves ou proximidade de cursos d'água, que podem servir de rota para aves migratórias. Após a coleta, as amostras são enviadas para análise no Laboratório Federal de Defesa Agropecuária de Campinas (LFDA), no estado de São Paulo. Embora não haja registros da doença em Goiás, os casos que ocorreram em outras regiões do Brasil em 2023 e que têm sido registrados no mundo exigem a adoção de medidas rigorosas para proteger a avicultura goiana, setor de grande relevância econômica e social. Os inquéritos realizados pela Agrodefesa fazem parte de uma série de medidas sanitárias implementadas no plano de vigilância para prevenção e monitoramento, desenvolvido pelos órgãos estaduais de defesa, coordenados pelo Mapa.

Raiva



Agrodefesa

Dois focos de raiva em bovinos foram identificados por autoridades sanitárias na zona rural do município de São Patrício, na região Central do Estado. As investigações foram iniciadas no dia 12 de fevereiro, após notificação dos proprietários à Agência Goiana de Defesa

Agropecuária (Agrodefesa), sobre animais com sinais clínicos suspeitos, que incluíam dificuldade ao caminhar, paralisia e falta de apetite. Após a coleta de amostras para exames, o material foi enviado para o Labvet da Agrodefesa que confirmou ambos os casos. Após a comprovação, a Secretaria de Saúde de São Patrício foi comunicada, já que a doença também é uma zoonose. A partir da confirmação dos casos, é iniciada uma série de medidas, que incluem a vacinação obrigatória de todos os animais das propriedades foco; a vacinação recomendada para os animais das propriedades na área perifocal (até 12 km das propriedades foco); e a intensificação do monitoramento dos abrigos de morcegos hematófagos por parte da Agrodefesa. A Agrodefesa reforça a importância dos produtores rurais notificarem a Agência por qualquer sinal clínico suspeito da raiva em herbívoros. A notificação não gera multa, nem penalidade ao produtor. Na verdade, ela auxilia o trabalho da Agrodefesa na proteção dos rebanhos, pelo monitoramento da doença.

Colheita da soja

O Sistema Faeg/Senar/Ifag marcou presença na Abertura Estadual da Colheita da Soja, realizada no dia 31 de janeiro, em Morrinhos, na Fazenda São José, de propriedade da Agropecuária Irmãos Chiari. O evento apoiado pelo Sistema Faeg foi organizado pela Associação dos Produtores de Soja e Milho de Goiás (Aprosoja-GO), em parceria com o Sindicato Rural do município. Entre as autoridades presentes estava parte da diretoria da Faeg, incluindo o presidente José Mário Schreiner; o 1º vice-presidente, Eduardo Veras; o 2º vice-presidente Institucional, Ailton José Vilela; o 2º vice-presidente Administrativo, Armando Rollemberg; e ainda o gerente do Ifag, Leonardo Machado. O vice-governador Daniel Vilela também participou da abertura, representando o governador Ronaldo Caiado. A safra 2024/25 deve ser a maior dos últimos cinco anos, conforme verificado pelo Sistema Faeg, durante a Expedição Safra Goiás,

realizada com apoio dos Sindicatos Rurais e parceiros. A expectativa diante do que foi visto nas lavouras dos 5 mil quilômetros percorridos é de uma colheita que pode ultrapassar 20 milhões de toneladas do grão – um crescimento de 23% em relação ao ano passado.



Fredox Carvalho

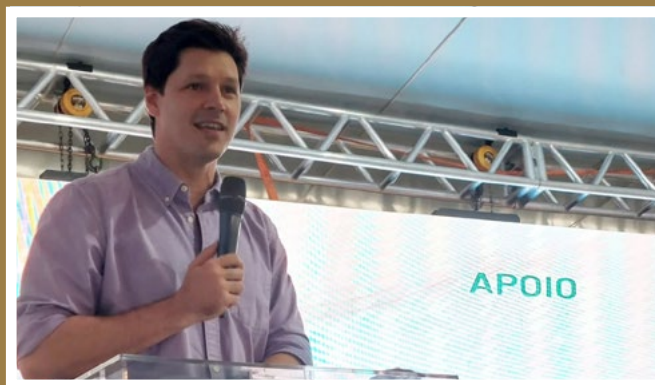
Para registro



Fredox Carvalho

“No ano passado, Goiás produziu uma média de 55 sacas de soja por hectare. Este ano a previsão é de 66 a 70 sacas por hectare e esse número pode ser ainda mais surpreendente em algumas regiões novas de plantio, como Jussara e Santa Fé. Lá, tem produtor atingido 92 sacas por hectare. Então isso mostra a capacidade que o produtor brasileiro, goiano, tem de absorver as tecnologias geradas pelas ciências, pela informação.”

José Mário Schreiner, presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag



Divulgação

“Faço questão de representar o governador Ronaldo Caiado neste momento de colheita, que tem uma grande expectativa de ser uma safra recorde. Temos uma agenda intensa e um grande plano de infraestrutura para iniciar a execução neste ano, com impacto direto no setor rural. Além disso, o batalhão rural se tornou referência e tem garantido segurança e tranquilidade aos produtores em todo o estado.”

Daniel Vilela, vice-governador do Estado de Goiás

Pecuária

O presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner recebeu, em fevereiro, na sede da Faeg, o presidente da SGPA, Gilberto Marques Neto, para um diálogo produtivo sobre o desenvolvimento do setor agropecuário. Durante a visita, foi firmada parceria para a 78ª Exposição Agropecuária de

Goiás, um evento de grande relevância para a economia local, que conecta produtores e sociedade às inovações e soluções do agro goiano. O Sistema reafirmou o compromisso de levar as ações, capacitações e demonstrações do Sistema Faeg/Senar para essa importante feira.



Fredox Carvalho

Índia



Divulgação

No mês de fevereiro, Goiás empreendeu uma Missão Técnica à Índia, iniciativa que levou o Sistema Faeg/Senar, representado pelo superintendente Dirceu Borges, ao lado do governador Ronaldo Caiado, da primeira-dama Gracinha Caiado e de entidades do setor produtivo rural, para promover o intercâmbio de conhecimento e inovação. A delegação foi composta por autoridades governamentais, empresários e representantes de instituições de classe. Foram percorridos importantes centros econômicos e tecnológicos do país, com participações em reuniões bilaterais, seminários e visitas técnicas. Durante a missão, foram discutidos temas como inovação, comércio bilateral, agricultura sustentável, tecnologia da informação, energia renovável e infraestrutura. A Índia, com sua economia em rápido crescimento e avanços significativos em tecnologia e indústria, se apresenta como um parceiro estratégico para o desenvolvimento de novos projetos e investimentos.

Segurança

No dia 21 de fevereiro, o presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner, participou da posse da nova diretoria do Conseg Rural, um momento de grande importância para o fortalecimento da segurança no campo. Foi empossado o presidente Eduardo Veras e toda a diretoria. As entidades seguem trabalhando para garantir mais proteção e tranquilidade para quem vive e produz no meio rural.



Divulgação

Meio Ambiente

O Sistema Faeg/Senar/Ifag participou do 1º Congresso de Gestão Ambiental Municipal, realizado pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad). Na ocasião, o presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner, reforçou a importância de uma legislação equilibrada e eficiente para o desenvolvimento sustentável de Goiás. O congresso reuniu prefeitos, vereadores, secretários e gestores ambientais de todos os municípios de Goiás.



Divulgação

Formação

Em fevereiro, o Sistema Faeg/Senar/Ifag celebrou a certificação da 2ª turma da Academia de Formação do Senar Goiás, um programa transformador que capacita profissionais para atuar na Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) e impulsionar a inovação no campo. Com mais de 50% dos concluintes já inseridos no mercado, essa iniciativa, realizada em parceria com o Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) pelo programa Talentos em Ação, reforça o compromisso do Sistema com a qualificação e empregabilidade no setor agropecuário.



Fredox Carvalho

Fruticultura: um futuro para o Vão do Paranã



Dirceu Borges
é superintendente
do Senar Goiás

O Vão do Paranã, localizado no Nordeste Goiano, abrange municípios como Flores de Goiás, Formosa e São João d'Aliança. Essa região possui indicadores sociais que evidenciam a necessidade de iniciativas que promovam a inclusão produtiva e o desenvolvimento socioeconômico. São mais de 4,5 mil agricultores familiares vivendo em assentamentos com o potencial de transformar suas realidades por meio de ações inovadoras e sustentáveis.

Nesse contexto, o Projeto de Fruticultura Irrigada do Vão do Paranã desponta como uma iniciativa transformadora. Lançado pelo Governo de Goiás, em parceria com instituições como Senar Goiás, Codevasf, Embrapa, Emater e Sebrae Goiás, o projeto visa fomentar o cultivo de manga e maracujá em 296 hectares, aliando as potencialidades agrícolas locais ao uso de tecnologias modernas de irrigação.

O Senar Goiás desempenha um papel crucial nesse processo. Por meio de sua Assistência Técnica e Gerencial (ATeG), a instituição oferece aos produtores muito mais do que suporte técnico. O trabalho envolve capacitação em boas práticas agrícolas, manejo sustentável, controle de pragas e uso eficiente de insumos. Além disso, contempla a gestão administrativa das propriedades e estratégias para a comercialização, fortalecendo a autonomia dos agricultores.

Esse modelo de assistência técnica integrada já beneficia cerca de 20 mil propriedades rurais em Goiás, que mensalmente recebem um técnico de campo da ATeG, impac-

tando diretamente a produtividade e a sustentabilidade econômica e ambiental dessas áreas. No Vão do Paranã, as ações desenvolvidas já começam a transformar a realidade das famílias envolvidas.

Além do suporte técnico, o Senar Goiás avança na qualificação da população local com iniciativas de impacto social e educacional. Entre elas, destacam-se a construção de uma Unidade de Capacitação Avançada e o início do curso Técnico em Fruticultura, em Flores de Goiás. Essas medidas não apenas promovem a formação de mão de obra especializada, mas também criam oportunidades concretas para jovens e adultos que antes tinham poucas perspectivas.

O Vão do Paranã possui condições únicas para a fruticultura, com solos férteis e acesso à irrigação, além de estar estrategicamente localizado próximo a grandes centros consumidores como Goiânia e Brasília. Este projeto é mais do que uma iniciativa de desenvolvimento econômico; é uma ferramenta de inclusão social que trará impacto direto na qualidade de vida das famílias envolvidas.

O compromisso do Senar Goiás com a fruticultura vai além de resultados imediatos. Nosso objetivo é consolidar a região como um polo de produção de frutas de alta qualidade, capaz de competir em mercados nacionais e internacionais. Estamos confiantes de que, com o trabalho conjunto entre governo, produtores e instituições parceiras, transformar o Vão do Paranã em um exemplo de desenvolvimento sustentável é uma meta alcançável e inspiradora.

Ação Sindical

Cidade de Goiás Processamento Artesanal de Chocolate



Valdirino F. Pinto – Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural da Cidade de Goiás e o Senar Goiás, em parceria com a Prefeitura da Cidade de Goiás, realizaram entre os dias 17 e 19 de fevereiro, na sede da Secretaria da Mulher, Juventude e Direitos Humanos, o curso de Processamento Artesanal de Chocolate. Essa capacitação começou a ser ministrada no final de 2023, com foco nas mais diferentes possibilidades de comercialização e tem se tornado um sucesso de público. Tanto que foi preciso aumentar o número de instrutores para atender a demanda por edições do curso. Durante a qualificação, são abordados temas como histórico da produção de chocolate no Brasil e no mundo, cadeia produtiva do cacau, mercado de chocolate no Brasil, legislação nacional aplicada a produção de chocolate artesanal, diferenças entre chocolates, tipos de receitas para cada tipo de chocolate, higiene e segurança no trabalho na produção artesanal de chocolate, higiene pessoal e de vestimentas, preparo de solução sanitizante, cuidados na prevenção de acidentes de trabalho, controle de qualidade e recheios diferentes.

Indiara Receitas do Campo



Henrique Almeida – Presidente



Divulgação

O Sindicato Rural de Indiara e o Senar Goiás, em parceria com o grupo Faeg Jovem de Indiara, a Prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores, realizaram em fevereiro mais uma edição do Festival Receitas do Campo. Com 24 receitas inscritas, o evento trouxe à mesa a riqueza da culinária rural, reunindo 180 pessoas para celebrar tradição, talento e os sabores que marcam a vida no campo. O Festival Receitas do Campo é um evento promovido com o objetivo de valorizar e promover a cultura gastronômica goiana, destacando as receitas tradicionais e típicas do interior do estado. É uma celebração das diversas influências culinárias que marcaram a região, com foco nas práticas e ingredientes que têm origem no campo. O projeto tem grande importância tanto para a preservação da cultura local quanto para o incentivo à economia do estado de Goiás. Entre os pontos de destaque estão preservação da cultura gastronômica, geração de emprego e renda e fortalecimento da identidade regional.

ACESSE OS PREÇOS DOS GRÃOS DAS TRADINGS

NA GRÃO DIRETO **É GRATUITO E SEGURO!**

Somos a **maior plataforma de comercialização digital de grãos** da América Latina.

Além de ver preços em tempo real, você pode negociar e ganhar prêmios!



Aponte sua câmera e escaneie o QR Code

Instale nosso aplicativo e comece a negociar com as tradings

Fale com a gente: (34) 98412-5220

12:30
Olá, João!
Grãos Derivados
Clicou, Fechou
Venda para quem você já conhece!
Negocie com parceiros gratuitamente, com preços exclusivos para você
Cargill Preços agora
ADM Preços agora
LDC
AMAGGI
ALIANÇA AGRÍCOLA
Contraofertas pend
Indicações ativas
grão direto
www.graodireto.com.br

O Agro e o atual cenário internacional



Edson Novaes

é economista e gerente do Grupo Técnico e Econômico da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

A volta de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, em 2025, traz um cenário de incertezas e transformações para a economia e o comércio internacional, com a possibilidade de impactos diretos em setores estratégicos para a economia e para o agronegócio brasileiro

e goiano. As principais diretrizes da política econômica, anunciadas pelo novo Governo Trump, podem ter reflexos distintos para o crescimento do PIB, para a inflação, para a taxa de juros e câmbio, tanto dentro como fora dos Estados Unidos. Nesta edição da Revista Campo, o economista

e gerente do Grupo Técnico e Econômico da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Edson Novaes, traz uma análise detalhada da atual situação no que diz respeito a situação do agronegócio brasileiro com essas mudanças nos rumos das políticas internacionais.



Fredox Carvalho

americanas; 2) da desregulamentação, principalmente no setor de energia e no setor financeiro (bancos); 3) da redução drástica na imigração ilegal; e 4) da política de aumento de tarifas sobre as exportações do mundo todo e de todos os segmentos produtivos. A intensidade e o sequenciamento dessas medidas a serem adotadas é extremamente importante, para que possa ser avaliada a dimensão e a intensidade do impacto na economia mundial e brasileira. Com relação à política fiscal, o presidente Trump prometeu reduzir o custo tributário para as empresas americanas com amplos cortes de impostos, principalmente sobre os pagamentos da seguridade social e o imposto corporativo, com o objetivo de ampliar os empregos e promover o crescimento do PIB americano. Se comprometeu também a aumentar a produção de combustíveis fósseis em detrimento às fontes de energia renovável, através de um processo de desregulamentações do setor. Quanto à redução drástica da imigração ilegal prometida pelo Trump, segundo análise do Banco BTG Pactual, poderia reduzir o crescimento da força de trabalho em 100 mil trabalhadores por mês em comparação com os últimos 2 anos. Embora isso pudesse reduzir o crescimento do PIB em 0,3%/0,4% ao ano, os efeitos sobre a inflação podem ser ambíguos, pois afetam tanto a oferta quanto a demanda. E, por último, prometeu impor novas tarifas sobre os produtos provenientes de outros países. De pelo menos 10% sobre a maioria dos produtos estrangeiros para reduzir o déficit comercial dos EUA. Em resumo, o Brasil enfrentará um cenário complexo em 2025, com a reeleição de Donald Trump, mas possui oportunidades para fortalecer sua posição no mercado global através de investimentos estratégicos, diversificação de mercados e do fortalecimento de parcerias internacionais.

sequestramente no PIB do país. Isso poderá gerar incertezas no mercado americano, levando o investidor estrangeiro a buscar colocar seu dinheiro em outros países, especificamente os emergentes. Do ponto de vista econômico, a primeira e grande preocupação dos investidores é em relação à inflação, já que diversas políticas do novo presidente podem impulsionar os preços da economia. A primeira das medidas com esse potencial efeito é a tarifação de produtos estrangeiros, no sentido de proteger e impulsionar a economia americana. A imposição de tarifas tem algumas consequências. De um lado, pode coibir o comércio no mercado americano, já que Trump afirmou que os países é que vão arcar com os impostos. Desse modo, ao prejudicar a concorrência por forçar a saída ou diminuição de participantes no mercado, pode levar a uma alta da inflação. No entanto, caso as tarifas sejam aplicadas sobre os produtos que chegam aos Estados Unidos, elas cairão sobre os importadores e devem ser repassadas aos consumidores americanos, fazendo com que os preços dos produtos subam, consequentemente, elevando a inflação. O maior problema de uma inflação mais alta é que isso pode interferir na trajetória da taxa de juros americanos, que atualmente estão em um ciclo de queda. Em outras palavras, devido o possível aumento da inflação nos Estados Unidos, o Banco Central Americano pode reverter a queda da taxa de juros para conter a inflação, ocasionando impacto direto no crescimento econômico do país. Do ponto de vista geopolítico, se a guerra comercial entre China e Estados Unidos se acirrar, o Brasil pode sair beneficiado, já que passa a ter maior espaço para fornecimento de produtos aos chineses. No entanto, o Brasil pode ter maior dificuldade na execução da sua política monetária, devido uma possível elevação da taxa de juros americana, o que poderá impactar na saída de investimentos do país. As mudanças anunciadas por Trump na política fiscal interna dos Estados Unidos também pode contribuir para o aumento da inflação. Foi anunciado por Trump um grande pacote de redução de impostos para as empresas, que pode

1 Como o agro brasileiro vê a volta do Trump à presidência dos Estados Unidos?

De forma geral, as principais diretrizes de políticas que já foram anunciadas, onde algumas delas já tiveram medidas efetivadas pelo novo Governo Trump, dizem respeito a quatro grandes temas: 1) política fiscal, referente à redução de custos fiscais prometida pelo Governo Trump para as empresas

2 Quais os impactos que a política econômica do novo Governo Trump poderá trazer para a economia americana e brasileira?

A nova política comercial e fiscal anunciada por Trump pode gerar uma inflação mais alta no país, o que poderá afetar também a política monetária, impactando na taxa de juros, na política cambial e con-

chegar a mais de US\$ 7 trilhões nas próximas décadas. Com isso, o rombo fiscal americano que já é grande (6,4% do PIB), pode ficar ainda maior, tendo visto a renúncia de receita dessa política. Com isso, mais inflação poderá ser gerada, impactando não só a vida dos americanos, mas de todas as economias mundiais através de um efeito dominó. A política drástica de redução da imigração ilegal, também terá impacto direto na força de trabalho americana. Terá impacto direto na economia, tendo em vista que a força de trabalho dos EUA tem se expandido justamente com a participação dos imigrantes. Esta política afetará tanto a oferta, quanto a demanda de trabalho, pois segundo o Departamento de Orçamento do Congresso (CBO) poderá representar mais de 10 milhões de postos de trabalho. Em resumo, o resultado esperado do protecionismo americano, será um menor crescimento global, queda nos preços das commodities, fortalecimento do Dólar e desvalorização de moedas emergentes como o Real, podendo impactar em maior inflação, maior taxa de juros e impacto no crescimento econômico, tanto americano, quanto em outras economias no mundo. Qualquer impacto que a economia americana possa sofrer com as novas políticas a serem adotadas pelo novo presidente Donald Trump não afetará somente a economia americana, mas terá impactos na economia mundial. Os “Trumponomics”, como está sendo chamada a abordagem econômica interna e com o resto do mundo do novo presidente, ainda são incertos, mas inevitáveis. Com certeza ambas as dimensões, doméstica e externa, terão reflexos para o Brasil, e poderá trazer desafios e oportunidades.

3 De todas as medidas que foram anunciadas até agora pelo Presidente Donald Trump, a que mais preocupa, de forma direta, são as taxas que podem ser impostas às exportações brasileiras e goianas. Qual é o impacto que essa medida poderá trazer para a balança comercial brasileira?

O Brasil, por ser um dos principais atores no comércio internacional, impulsionado pela força de suas commodities agrícolas e minerais, pode ser

afetado pelas medidas de taxações das exportações prometidas pelo Governo Trump. Medidas essas que introduzem incertezas econômicas, especialmente para mercados emergentes. A postura protecionista de Trump, com a possibilidade de impor tarifas mais duras sobre produtos estrangeiros, pode afetar diretamente as exportações brasileiras e goianas, em particular no agronegócio. No entanto, temos que ter cautela e aguardar de fato a concretização dessas medidas para, assim, avaliar os impactos e verificar que medidas poderão ser tomadas a respeito das mesmas. Até o momento, a única medida concreta tomada pelo Governo Trump a respeito do assunto, realizada no último dia 10 de fevereiro, foi a assinatura de um decreto colocando tarifas contra o aço e o alumínio para todos os países. A medida impõe tarifas de 25% sobre todas as importações de aço e alumínio para os Estados Unidos, a partir de 12 de março de 2025. Nesse caso específico, essa medida atinge não só o Brasil, mas também o México e Canadá, que são os principais fornecedores desses produtos para os Estados Unidos. No ano passado, o Brasil foi o segundo maior fornecedor de aço para os EUA, em volume. Essa não foi a primeira vez que o Trump tentou taxar o aço e o alumínio brasileiro. Durante o seu primeiro governo, ele também taxou as importações de aço do Brasil em 25%. Na época, ele excluiu da lista justamente o Canadá e o México e depois permitiu que outros países solicitassem a inclusão do produto em uma lista de exceção. O Brasil fez o pedido e foi aprovado pelo governo americano, estabelecendo um esquema de cotas para o aço brasileiro sem as taxas. Qual lição podemos tirar disso? Que primeiramente temos que verificar quais realmente serão as medidas a serem adotadas, analisar essas medidas e, em seguida, estudar providências a serem tomadas, objetivando não prejudicar os setores exportadores e a própria economia interna, abrindo um canal de diálogo e negociação.

4 E como fica Goiás?

No caso do estado de Goiás, em específico, a partir dos dados da balança comercial de 2024 com os Estados Unidos, podemos observar



Do ponto de vista geopolítico, se a guerra comercial entre China e Estados Unidos se acirrar, o Brasil pode se sair beneficiado, já que passa a ter maior espaço para fornecimento de produtos aos chineses.



quais os setores poderiam ter algum impacto com essa taxaço. Em 2024 o Estado de Goiás exportou um total de US\$ 12,25 bilhões, onde o agronegócio goiano foi o responsável por 82,04% do total das exportações em 2024, com as exportações somando US\$ 10,05 bilhões. A China foi o maior mercado das exportações goianas do agro em 2024, com US\$ 5,01 bilhões, representando 49,8%. Em termos de produtos, o complexo soja (considerando soja em grão, óleo, bagaço e farinha) foi o segmento que representou o maior percentual das exportações do agro de Goiás em 2024, somando US\$ 5,82 bilhões, representando 57,9% do total das exportações do agro goiano. O complexo carne bovina foi o 2º maior exportador com US\$ 1,74 bilhão, representando 17,31%. Quando observamos as exportações especificamente para os Estados Unidos, Goiás exportou em 2024, US\$ 290,4 milhões, sendo US\$ 161,2 milhões de carne bovina (55,5%), US\$ 80,8 milhões de açúcar (27,8%) e US\$ 20,2 milhões (6,9%) em produtos oriundos de couro bovino. Teoricamente, esses são os setores que seriam os mais impactados caso haja algum tipo de taxaço imposta pelos EUA. Mas como dissemos, temos que ter cautela e aguardar a concretização das medidas. Já pelo lado das importações do agro de Goiás, em 2024 somaram US\$ 883 milhões, considerando as importações de alimentos, fertilizantes, defensivos e maquinários agrícolas, que representaram 15,7% do total das importações de Goiás. Especificamente dos EUA, Goiás importou US\$ 254,1 milhões, sendo US\$ 191,8 milhões de colheitadeiras e tratores e US\$ 41,7 milhões de adubos e fertilizantes. Caso os EUA adotem maiores tarifas sobre estes produtos, também podem impactar os custos dos produtores rurais goianos. De acordo com o economista e professor da FGV, Bernardo Guimarães, “quando você coloca tarifa sobre os produtos das cadeias globais de suprimento, quem compra de quem, quem vende pra quem, vão se organizando. Na hora que você coloca a tarifa, quem exportava procura outros mercados. O desafio é encontrar novos parceiros comerciais que substituam o mercado que tarifou”. Outro ponto importante

é que essa política do novo Governo Trump de tarifar os produtos de diversos países, procurando reequilibrar a balança comercial americana, também pode trazer oportunidades para o Brasil, principalmente para mercados onde o agro e o setor de minerais é forte, pois pode se tornar uma oportunidade do Brasil ampliar e abrir novos mercados.

5 Como as oscilações recentes do dólar afetaram o agro brasileiro?

A alta do dólar pode impactar de forma ambígua o agronegócio. Se, por um lado, para o produtor agrícola, cotações mais elevadas da moeda norte-americana podem favorecer as exportações, ela também pode elevar os custos de produção, já que boa parte dos insumos agrícolas são importados, principalmente fertilizantes e defensivos agrícolas. A alta do dólar promove um impacto significativo nos custos de produção, já que grande parte dos insumos agrícolas no Brasil depende de importações. Essa elevação ocorre de forma mais rápida, principalmente no momento do plantio, quando as despesas são maiores do que a receita proveniente da colheita e venda. Além disso, muitos negócios já foram fechados em contratos futuros, limitando os benefícios imediatos da alta do dólar. Outro aspecto importante e preocupante, é que as oscilações recentes que ocasionaram a alta do dólar e elevaram os custos dos produtores, ocorrem em um momento em que se espera uma safra recorde de grãos, onde algumas projeções apontam para queda nos preços internacionais. Então poderemos ter custos elevados com período de depreciação de preços. Um outro problema que o aumento do dólar trouxe aos produtores é referente ao endividamento atrelado ao dólar, onde produtores rurais com dívidas em dólar, podem sofrer aumentos de custos nos seus financiamentos, quando há aumento da moeda americana. Por outro lado, a valorização do dólar tem um efeito positivo para o setor agroexportador, além de tornar as commodities brasileiras mais competitivas, os preços internacionais dessas commodities, medidos em dólar, tendem a cair. No entanto, nem toda a cadeia produtiva se be-

neficia igualmente dessa vantagem exportadora. Setores como os de carnes e grãos sentem os impactos de forma diferente. No setor de proteínas, voltado para exportação, o impacto é positivo devido ao maior escoamento internacional. Já setores que dependem de insumos importados, como fertilizantes, enfrentam maiores dificuldades, pois podem ganhar na exportação, mas perder nas importações.

6 As taxas a serem impostas pelo Trump para outros países favorecem as exportações brasileiras e goianas?

Ao longo de toda sua campanha eleitoral e já nas primeiras medidas tomadas como o novo presidente, Donald Trump passará a adotar uma política comercial mais rígida para todos os parceiros do país, inclusive o Brasil. Nesse caso, o Brasil e todos os estados exportadores, incluindo o estado de Goiás, poderão se beneficiar de duas maneiras. A primeira é que poderá suprir as exportações dos EUA para outros países. A segunda é que poderá suprir as importações de outros países para os EUA. O Brasil, também, poderá se aproveitar para se colocar como um país amistoso para negociar, frente ao dissabor causado pelos EUA, na sua nova forma de negociar. Alguns países e blocos comerciais estarão reestruturando suas alianças comerciais, e isso, é uma grande oportunidade para o Brasil e para o estado de Goiás. Haverá uma reconfiguração de toda a cadeia de suprimentos. E se o Brasil e Goiás fizerem o dever de casa e se projetarem internacionalmente, poderão abarcar os mercados que ficarem sem fornecedor para suas demandas. Olhando pela ótica do mercado financeiro, a política comercial de tarifas mais altas nos EUA poderá direcionar alguns investimentos para o Brasil. Essa nova política do novo Governo Trump, de tarifar os produtos de diversos países, procurando reequilibrar a balança comercial americana, poderá trazer grandes oportunidades para o Brasil, principalmente para mercados onde o agro é forte. Pois, pode se tornar uma oportunidade do Brasil e para Goiás ampliar e abrir novos mercados.

Qualificação fortalece a arte e o empreendedorismo

Artesãs de Formosa encontram na união maneiras de vender e lucrar com seus produtos, depois de participarem do Proarte do Senar Goiás

Revana Oliveira | revana@sistemafoeg.com.br



Turma que participou do curso do Programa Gestão da Produção Artesanal (Proarte)

Em Formosa, município que fica a 280 quilômetros de Goiânia, Danúbia Luiza Alves Freitas conciliou, por cerca de 18 anos, a produção de laços para bebês, adultos, pets e decoração com a rotina de dona de casa. A comercialização dos produtores era feita sem muita expectativa de crescimento, mesmo estando há tanto tempo no ramo de artesanato. Mas nos últimos meses ocorreu a virada de chave, graças ao Programa de Gestão da Produção Artesanal (Proarte), oferecido pelo Senar Goiás.

“Eu passei a enxergar além das minhas habilidades técnicas. Aprendi a me comunicar, a valorizar o que faço para as outras pessoas, a colocar o preço correto. Passei a ver que cada peça que faço não é apenas um laço, é um produto artesanal, exclusivo que não tem dois iguais. Percebi que quando a gente acredita, os clientes valorizam isso”, detalha.

O curso foi realizado pela Associação Brasileira de Produtores de Grãos (Abrasgrão) de Formosa, em parceria com o Senar Goiás. “O curso oferece capacitação completa, combinando o ensino de técnicas manuais de artesanatos, com estratégias de venda e gestão de negócios, permitindo que as participantes transformem seu talento em uma fonte de renda. O impacto foi tão significativo que seis mulheres decidiram seguir juntas, formando um grupo dedicado ao aperfeiçoamento e comercialização de seus produtos. Hoje, elas continuam firmes no projeto, conquistando clientes e ampliando suas oportunidades no mercado. Já estão obtendo retorno financeiro, utilizando o artesanato como complemento de renda e fortalecendo sua independência econômica”, detalha a mobilizadora da Abrasgrãos, Rayra Pereira da Silva.

Logo depois do curso, a Associação ofereceu uma sala para uma edição especial de vendas e para que as artesãs fossem estimuladas a permanecer com a união do grupo dando visibilidade aos produtos. “Esse período foi ótimo, em um dos dias eu tirei mais de mil reais”, relembra Danúbia.

Com o objetivo de ter um portfó-



Vauinaria Carvalho também tem colhido os resultados do Proarte



Danúbia Alves é uma das artesãs que tem comercializado seus produtos em feiras e outros espaços em Formosa

Divulgação

Divulgação

lio maior, as mulheres fizeram cursos de crochê, trançado em couro, confecção de bolsas em tecido e fibras naturais, buscaram o desenvolvimento pessoal e profissional em áreas como oratória e comunicação, fortalecendo a capacidade de apresentar e vender os trabalhos com mais confiança.

Um outro exemplo de transformação entre as mulheres do Terra e Talentos, nome do grupo de artesãs, é o da Vauinaria Carvalho. Crocheteira de mão cheia, ela diz que não tinha noção do seu talento, tanto que dava a maior parte das peças de presente. “Eu não sabia quanto cobrar. Às vezes cobrava só o material. Então com o Proarte eu me descobri como pessoa, como profissional. Antes eu tinha vergonha de falar do meu trabalho, de valorizá-lo. Hoje é diferente. Eu sei que o que faço tem reconhecimento, mas isso veio depois que aprendi a valorizar o meu talento, com os ensinamentos do Proarte”, descreve a Vau, como também é conhecida na cidade.

Hoje os artesanatos são vendidos numa tenda montada no Parque Itiquira e também em um box no Centro de Artesanato Neusa de Oliveira, ambos em Formosa e também em feiras. A Vau comercializa também as peças de crochê no Instagram @vauinariacarvalho e os laços da Danúbia podem ser encontrados no @artsmimosdanubia.

Contribuição

Em 2024, o Senar Goiás realizou mais de 1800 treinamentos de Promoção Social, sendo aproximada-

mente 400 deles na área de artesanato, com o ProArte, totalizando, assim, a capacitação de mais de cinco mil pessoas. “Um aspecto fundamental das nossas ações é considerar o acesso que os participantes, em sua grande maioria do interior e da zona rural, têm às matérias-primas. Nesse contexto, incentivamos o aproveitamento e o uso de materiais disponíveis e abundantes em suas regiões. Essa abordagem não só valoriza os recursos locais, mas também promove a sustentabilidade e desperta a criatividade do participante no desenvolvimento de peças únicas”, reforça a gerente de Promoção Social, Simone Oliveira.

O Proarte contribui também para mobilizar e organizar grupos para a produção artesanal, fomentando o associativismo, propondo a elaboração de plano de negócios, com foco no desenvolvimento de produtos que atendam às tendências e necessidades do mercado. Para ter acesso a ele basta procurar os Sindicatos Rurais ou associações de produtores. “Temos visto um aumento na renda e na nossa qualidade de vida. E é gratificante mostrarmos que com o que aprendemos com o Senar Goiás, encontramos meios para um futuro melhor principalmente para quem vive no campo, no interior do nosso estado”, conclui Danúbia.



Participantes do Proarte e itens produzidos por elas

Divulgação

Safra será recorde, mas falta onde armazenar

Produtores goianos têm começado a investir em armazenagem na tentativa de driblar o aumento no custo de produção, especialmente por conta de frete e comprometimento da qualidade do grão

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) revelam que Goiás fechou 2024 com 15,9 milhões de toneladas de capacidade estática de armazenagem. Isso significa que se juntar todos os armazéns aptos a receber grãos no Estado, a quantidade disponível é de 15,9 milhões de toneladas. Já se o produtor fizer a conta dos dois principais produtos agrícolas goianos, que são soja e milho, a produção foi de 28,2 milhões de toneladas no ano passado. O resultado dessa equação é simples: não há espaço suficiente para armazenar toda produção de grãos em Goiás, simultaneamente.

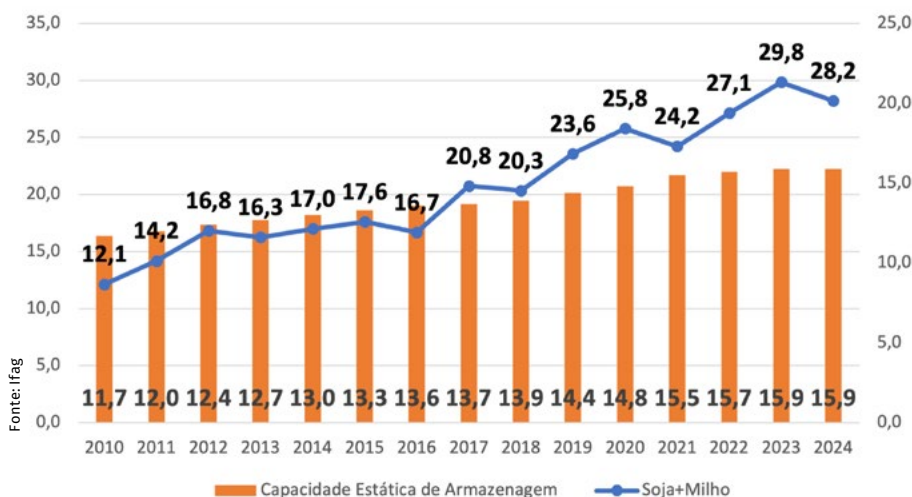
Neste cenário, dados compilados pelo Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag) apontam que 2024 fechou com um déficit de armazenagem de 12,3 milhões de toneladas. “O que traz um pouco de alívio é que são atividades cultivadas em ciclos diferentes, ou seja, a soja na primeira safra e o milho na safrinha. Então, são 17 a 18 milhões de toneladas de soja no primeiro ciclo e de 10 a 11 milhões de toneladas de milho

na segunda safra. Se tudo fosse colhido no mesmo período, como é feito nos Estados Unidos e na Argentina, teríamos graves problemas de armazenagem”,



Larissa Melo

Evolução entre produção de Soja/Milho X Capacidade Estática de Armazenagem (milhões de toneladas)



Gerente técnico do Ifag, Leonardo Machado diz que o armazenamento não chega a ser um grande problema para a soja, por causa da rápida comercialização

destaca o gerente técnico do Ifag, Leonardo Machado.

Ele diz ainda que para a soja, talvez diante da rápida comercialização, não se torna um grande problema, mas para o milho pode ser diferente. “É costume dizer que grande parte da soja é armazenada sobre rodas, ou seja, passa a maior parte do tempo dela em deslocamento da propriedade para a unidade do produtor ou da própria unidade para a receptora ou dessa primeira para a segunda e da segunda para o porto. Então acaba ficando muito armazenada sob trilhos. Agora no milho, acaba ocorrendo uma dificuldade maior, porque como acontece muito processamento para a utilização, ficando o produto no país, o grão passa mais tempo armazenado, o que pode causar esse déficit de armazenamento”, conta Machado.

Trata-se de um tema que demanda bastante atenção, porque tanto Brasil quanto Goiás caminham para uma “super produção” de grãos. Números de instituições como Conab e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), divulgados mensalmente, apontam para uma safra recorde, que deve superar 323,8 milhões de toneladas na safra 2024/2025, crescimento de 10,6% em relação ao registrado em 2024. Já em solo goiano, o atual ciclo de produção de grãos deve avançar 14,2% em relação ao período anterior. A projeção refor-

ça o protagonismo do estado no cenário nacional do agro.

Se por um lado se comemora o potencial de produção no País, por outro retorna a preocupação com questões antigas de infraestrutura. Até porque a crescente ampliação na produtividade também contribui para ampliar gargalos no setor.

Atualmente, produtores vêm enfrentando problemas no embarque dos grãos, perdas na qualidade do produto, além do aumento significativo no custo de produção. “Acaba sendo muito risco para nós, produtores, pois todo ano é a mesma coisa, a gente corre quando os armazéns lotam e nós temos que pagar melhor para retirar o grão da fazenda e mandar para o armazém. E eles ficam dependendo de aumentar o preço do transbordo para tirar o grão de dentro do armazém para poder receber mais. Já aconteceu na Comigo [Cooperativa Agroindustrial dos Produtores Rurais do Sudoeste Goiano] neste ano, de ficar quatro, até cinco dias com caminhão na fila esperando para descarregar. Depois desses dias, a umidade da soja aumenta, tem perda de qualidade no grão, motivos principais que me levaram a investir na construção de armazém para poder tirar esse risco”, explica o produtor Marcelo Teodoro Resende, do município de Paraúna.

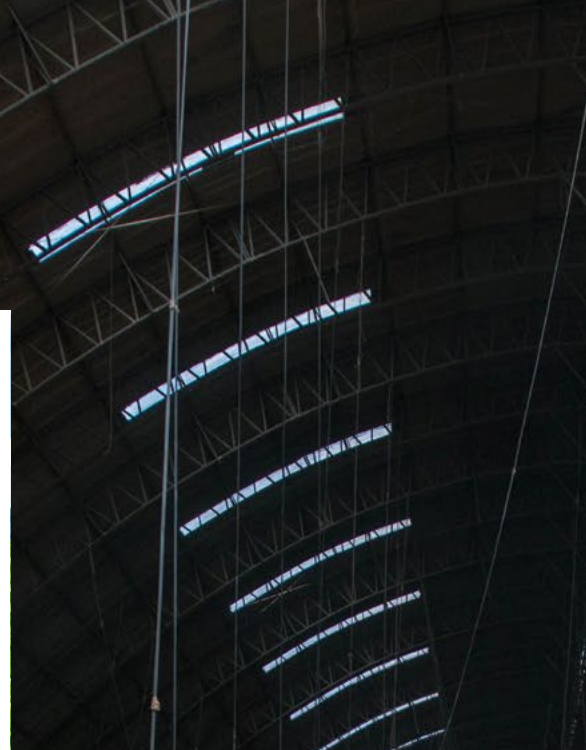
Na propriedade dele, chamada de Saudade, são 500 hectares. A expectativa é colher 40 mil sacas de soja e cerca de 50 mil sacas de milho na segunda safra. Um projeto de viabilidade, desenvolvido para a propriedade, apresentou resultados positivos e Marcelo Teodoro a tomar a decisão de investir em um sistema de armazenagem.

“A conclusão é que a construção dos silos irá ampliar em 50% a produção nas próximas safras, com abertura de novas áreas. Pela produção que eu tenho atualmente, cheguei à conclusão que a metade da parcela que eu terei que pagar é o que hoje eu gasto de frete na safra verão. O armazém cria viabilidade para abrir mais área. Com a área total, o que eu pago nas duas safras, de verão e safrinha, seria bem próximo do que fica o custo de fazer armazém. Vou conseguir controlar melhor as perdas na produção esse ano. Por exemplo, tive problemas com o local onde os caminhões ficavam parados. Tive que aumentar o preço do frete, porque se não os caminhoneiros abandonam a gente e até entendendo a situação, porque eles também precisam ter o lucro deles na safra, que é bem estreita. Isso faz aumentar nosso custo de produção”, explica o produtor.

Em fase final de elaboração do projeto de engenharia elétrica



Produtor em Paraúna, Marcelo Teodoro investiu em um projeto de viabilidade antes de tomar a decisão pela construção de silos na propriedade dele



é possível conseguir juros subsidiados mais interessantes. Acima de 100 mil sacas já fica bem mais onerosa a taxa de juros. Geralmente é um financiamento de 10 anos para pagar, com dois anos de carência”, acrescenta Marcelo Teodoro.

O projeto de viabilidade foi acompanhado pelo engenheiro agrônomo, Silomar Cabral Faria. Em 1992 ele desenvolveu o primeiro projeto de armazém e conta que o problema de falta de armazenamento já ocorre há muitos anos. “Naquela época, a gente já tinha uma dificuldade grande de acessar o crédito para a construção de armazém. Nesse período também comecei a participar na Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), me associei ao Sindicato Rural de Jataí e já fiz parte da Comissão de Grãos da Faeg. Na época fiz um dossiê levantando toda burocracia e enviei para Confederação da Agricultura e Pecuária no Brasil (CNA), em Brasília e nos Ministérios da Agri-

dos silos, a previsão é que no final do mês de março seja buscado o investimento necessário, junto às instituições financeiras, para implantação do sistema. O projeto irá contemplar um total de armazenamento de 100 mil sacas, com dois silos que irão comportar 50 mil sacas. “Vamos pesquisar para ver onde fica mais interessante, buscar cooperativas ou bancos estatais para ver onde aparece esse recurso. Foi pensando em uma melhor taxa de juros que optamos por construir dois silos com capacidade de 50 mil sacas, pois assim



cultura e da Fazenda. Dessa forma, conseguimos ajudar a criar a linha de crédito do Programa para Construção e Ampliação de Armazéns (PCA), hoje com recursos disponibilizados no Plano Safra do governo federal”, revela.

O especialista avalia que ocorreram várias mudanças em quase 35 anos em que ele está atuando no setor, especialmente em relação à realidade vivida com o déficit de locais para armazenamento. “Uma coisa é certa, a produção de grãos no Brasil cresceu muito rápido. Tanto que a expansão de área e o aumento de produtividade são fatores que contribuíram para isso. A armazenagem não tem conseguido acompanhar no mesmo ritmo a produção, ou seja, sempre estamos em déficit. Mas estamos vendo uma mudança de mentalidade. Hoje, os produtores que atendo com projetos são na maioria áreas acima de mil hectares ou com 500 hectares, por exemplo, com viabilidade de ex-



Engenheiro agrônomo Silomar Cabral (a esquerda) e sócio, que atuam com consultoria para desenvolvimento de projeto de viabilidade de silos

pansão de área viabiliza a aquisição”, informa Silomar.

Ele conta ainda que os produtores têm dificuldade em entender a importância que é a armazenagem, já que, segundo ele, muitos se assustam com valor da estrutura, parcela alta, e por ser um empreendimento de grande porte. “Existe uma padronização em Goiás com armazéns com tamanho médio de 100 a 200 mil sacas, com uma estrutura bastante enxuta com unidades mais modernas com tecnologia embutida, o que facilita a gestão do armazém”, reforça.

Divulgação

Larissa Melo



Larissa Melo

Alternativa a curto prazo

Quando se pensa nos agricultores de pequenas e médias propriedades, a construção de armazéns se mostra algo não tão viável diante do alto investimento e consequentemente o retorno do valor aplicado. Uma solução que vem sendo difundida e aproveitada é a aquisição de silo-bolsas ou silo-bags, como são também chamadas. Tratam-se de compartimentos de armazenamento em formato de bolsas flexíveis, que permitem armazenar todo tipo de grão e silagem, indicado ainda para quem já tem armazém.

Segundo Leonel Milani, um dos organizadores do 2º Simpósio Internacional de Silo-Bolsa, que acontecerá em agosto deste ano em Aparecida de Goiânia, a história com o produto começou na Argentina, primeiro país a utilizar o sistema na década de 90, para silagem na alimentação animal e depois para a armazenagem de grãos. “Hoje, praticamente 50% do volume estão armazenados dentro do silo-bolsa, algo por volta de 400 mil silos no ano. O Brasil é o segundo país que mais usa silo-bolsa. Nós temos entre 150 mil e 160 mil silo-

bolsas por ano. Mas o nosso mercado aqui, o nosso produtor já está aprendendo a usar o silo-bolsa e é um mercado que está crescendo. No Brasil, chegou em 2004. No início o pessoal tinha muito receio, porque não conhecia, mas à medida que foram entendendo, gostaram do sistema, notaram que o sistema é prático, é seguro e econômico, requer um investimento muito baixo e pode colocar na lavoura ou próximo de casa. Elimina

várias despesas que um produtor tem como frete, pagar armazenagem para terceiros e é muito fácil de operar”, explica Leonel.

O silo-bolsa é como se fosse um tubo com medidas disponíveis no mercado brasileiro entre 60, 75 ou 100 metros, por 2,70 de diâmetro. Dentro desse silo de 60 metros, cabem três mil sacas de produtos como soja ou milho. Mas pode ser armazenado trigo, arroz, feijão, sorgo, soja, milho, girassol, algodão, tudo que é produzido numa propriedade pode ser armazenado no silo-bolsa.

Quanto à conservação dos grãos, o

especialista explica que o ambiente hermético não tem troca gasosa, sem oxigenação. “Por isso temos um lugar que não desenvolve fungo, bactéria, caruncho, nem traça. O volume de grãos que a gente coloca dentro do silo-bolsa, se mantém, assim como você mantém a qualidade. No armazém convencional tem uma coisa chamada quebra técnica, é aquele volume de grão que você coloca dentro do silo, quando você for tirar ele não tem mais aquele volume de grão. O cálculo de perdas por quebra técnica, segue um padrão mundial que considera perdas de 0,3% ao mês, ou seja, se a gen-

te pensar que coloca um produto no armazém de metal, deixa esse produto lá por 10 meses, quando vai tirar esse grão tem 3% a menos. Então, ou seja, quem colocou 100 mil sacas de grão num armazém de metal, 10 meses depois ele vai encontrar 97 mil sacas, não mais 100 mil sacas”, quantifica Milani.

Neste sistema você pode armazenar com segurança por até 24 meses, com resistência térmica seja para calor ou temperaturas extremamente frias. Após o esvaziamento o material é descartado não podendo ser reutilizado para armazenagem.



Sistema silo-bolsa é alternativa de armazenamento para pequenas propriedades rurais

Divulgação

Você é Produtor de Soja?

A Safra 24/25 já está no final.

É **tempo de planejar a próxima safra** de verão 2025/2026!

Conte com a AgroSelections, um local onde as melhores opções de insumos, crédito e assessoria em gestão se conectam para o seu negócio.

Vamos marcar um café e falar sobre isso?

 **agroselections**
agroselections.com.br



agro NEGÓCIOS
E OPORTUNIDADES
selections

ESG avança nas empresas rurais goianas

Mesmo sendo um conceito relativamente novo no campo, tem crescido a adoção da agenda ESG, com foco em gestão voltada para sustentabilidade e bem-estar

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

A sigla ESG (Environmental, Social and Governance – Ambiental, Social e Governança) surgiu em 2004, em um relatório do Pacto Global da ONU intitulado Who Cares Wins (“Quem se Importa, Ganha”). Elaborado em parceria com instituições financeiras, o relatório destacava a importância de considerar fatores ambientais, sociais e de governança na análise de investimentos. A ideia central era que empresas que adotam boas práticas nesses três pilares tendem a ser mais sustentáveis e lucrativas no longo prazo, reduzindo riscos financeiros e melhorando sua reputação.

O conceito ganhou força ao longo do tempo, especialmente após a crise financeira de 2008, quando investidores passaram a exigir mais transparência e responsabilidade das empresas. Além disso, eventos climáticos extremos e

escândalos corporativos reforçaram a necessidade de práticas empresariais mais sustentáveis e éticas. Hoje, ESG não é apenas um critério para investidores, mas também um fator estratégico para empresas que desejam atrair consumidores e parceiros comprometidos com a sustentabilidade e a ética nos negócios.

A aplicação dos princípios ESG nas empresas rurais começou a ganhar força a partir dos anos 2000, impulsionada pelo crescimento da preocupação global com sustentabilidade, mudanças climáticas e responsabilidade social. No entanto, sua consolidação ocorreu na última década, à medida que investidores e mercados passaram a exigir maior transparência e práticas sustentáveis no agronegócio.

Em Goiás, a adoção do ESG nas empresas rurais se destacou a

partir de 2020, acompanhando a tendência de investidores e consumidores que exigem transparência, redução de emissões de carbono e responsabilidade social. Atualmente, as práticas mais comuns incluem o uso eficiente da água, rastreabilidade da cadeia produtiva, preservação de áreas nativas, redução do desmatamento, bem-estar animal e inclusão social.

Uma das empresas pioneiras na adoção do ESG no estado é a SLC Agrícola, que atua na produção de algodão, soja, milho e sementes. Suas atividades são desenvolvidas em 23 propriedades distribuídas por sete estados brasileiros. Em Goiás, no município de Cristalina, a Fazenda Pamplona se destaca como referência para outras unidades.



“Sempre tivemos como alicerce a combinação entre nossa visão de negócios e o cuidado com o meio ambiente. Com uma governança cada vez mais fortalecida e alinhada às melhores práticas, passamos a promover uma agenda ESG pioneira, guiada por cinco objetivos: neutralidade de carbono nos escopos 1 e 2 até 2030; certificação de todas as fazendas no nosso sistema de gestão integrado; incentivo à educação para todos os colaboradores; promoção de um ambiente de trabalho seguro; e contribuição para a melhoria da educação nas comunidades locais”, explica o diretor de Recursos Humanos, Sustentabilidade e TI da SLC Agrícola, Álvaro Dilli.

Diferentes certificações compõem um sistema em permanente aprimoramento, atendendo a quatro normas de gestão internacionais: ISO 14.001 para Gestão Ambiental, ISO 45.001 para Saúde e Segurança Ocupacional, ISO 9001 para Qualidade e Estratégia e NBR 16.001 para Responsabilidade Social.

“Esse sistema garante a adoção das melhores práticas e processos, além de guiar os critérios ambientais, sociais e de governança. Para obter essas e outras certificações, são necessárias ações voltadas à preservação e controle dos impactos ambientais, além da avaliação e monitoramento das conformidades com os requisitos legais aplicáveis. Em 2024, por exemplo, passamos a contar com a certificação Regenagri, padrão internacionalmente reconhecido que atesta as práticas de agricultura regenerativa, em seis unidades da companhia. Entre as vantagens da adoção do ESG, destacamos nossa responsabilidade como um dos maiores players do setor. Esses e outros avanços e certificações ampliam a confiança dos investidores e stakeholders, que passam a enxergar a SLC Agrícola como referência nesses aspectos”, ressalta o diretor.

Consultoria em ESG

Por meio do Programa Senar Serviços, o Senar Goiás oferece consultoria para produtores rurais interessados em implementar o ESG em suas propriedades. “O consultor aplica um questionário para



Eduardo Rocha

Diretor de Recursos Humanos, Sustentabilidade e TI da SLC Agrícola, Álvaro Dilli reforça que a empresa sempre teve o cuidado com o meio ambiente como visão de negócio

avaliar como estão os quesitos ambientais, sociais e de governança do produtor. Tudo é pautado na ABNT PR2030, norma lançada em dezembro de 2022, que possui 145 páginas com diversas práticas recomendadas para o setor ESG no Brasil. Com base nesse levantamento, apresentamos um diagnóstico e implementamos um plano de ação para atender às exigências. Essas adequações, inicialmente, ajudam a evitar embargos ou multas”, explica o gerente de Inovação do Senar Goiás, Odilon Neto.

O objetivo do Senar Serviços ESG é apoiar e orientar o produtor para

que ele torne seu negócio cada vez mais ambientalmente correto, socialmente justo e alinhado às boas práticas de governança. “Já nos reunimos com o Senar Nacional e a CNA [Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil], e a ideia, no médio e longo prazo, é implementar um selo de reconhecimento do nosso serviço ESG, permitindo que produtores sejam reconhecidos por empresas e compradores e possam se beneficiar disso”, relata o gerente.

Para receber a consultoria do Senar Serviços ESG, o produtor deve procurar o Sindicato Rural e solicitar o atendimento. A consultoria é gratuita e individualizada, composta por etapas presenciais e remotas, com duração de até 12 meses. Atualmente, produtores de Morrinhos, Cristalina, Cabeceiras e Cocalzinho já estão sendo atendidos.

“A aceitação tem sido positiva, pois os produtores conseguem visualizar de forma macro toda a realidade da propriedade. Com o questionário desenvolvido, percebem aspectos que antes passavam despercebidos, especialmente sobre legislação. Nossa meta é ajudar o produtor a alcançar um mercado diferenciado, alinhado ao padrão ESG e às conformidades ambientais, sociais e de governança. Também abordamos a sucessão familiar, o bem-estar dos animais e dos colaboradores, e o gerenciamento de riscos para evitar autuações. Estamos trabalhando



Divulgação

Senar Serviços ESG: consultor do Senar Goiás, Ricardo Carneiro, produtora Eliene Ferreira, juntamente com a equipe da propriedade rural dela

para uma futura certificação e agregação de valor aos produtos dessas propriedades”, destaca o consultor de ESG, Ricardo Carneiro.

Eliene Ferreira, produtora rural focada na produção de grãos, está entre os atendidos pelo programa. “Sempre buscamos adotar práticas sustentáveis na fazenda, mas não

sabíamos que havia uma agenda padronizada e que essas adequações nos trariam benefícios. Quando soube da consultoria, aproveitei a oportunidade. Sempre priorizamos o bem-estar dos funcionários, temos alojamentos bem cuidados e sinalização adequada. Agora, vamos focar no gerenciamento de resíduos,

na estrutura de armazenagem e em outros fatores de sustentabilidade. Outra questão importante é a governança: muitas vezes, quem cuida da parte operacional também lida com o financeiro, e precisamos separar essas funções. Estamos gostando muito do processo”, relata a produtora.

Concurso Faeg Jovem

O tema ESG foi escolhido para o Programa Faeg Jovem 2025 por ser um dos pilares estratégicos para o futuro do agronegócio. “O Faeg Jovem se baseia na liderança, sucessão e empreendedorismo, e a adoção dos princípios ESG fortalece esses três eixos. Na liderança, os jovens do agro precisam estar preparados para conduzir propriedades de forma sustentável e inovadora. Na sucessão, é essencial que as novas gerações incorporem práticas responsáveis, garantindo a continuidade das atividades no campo. No empreendedorismo, o ESG cria oportunidades para novos modelos de negócios,


agregando valor à produção e fortalecendo a competitividade do setor agropecuário brasileiro”, explica o diretor técnico do Senar Goiás, Leonnardo Cruvinel.

O tema tem ganhado destaque na agenda global, influenciando investimentos, políticas públicas e a relação do agronegócio com a sociedade. “Preparar os jovens para esse cenário é garantir um futuro próspero e sustentável. No Concurso 2025, os grupos deverão desenvolver projetos com carbono zero, promover inclusão social e ajudar produtores rurais a melhorar sua governança”, finaliza Leonnardo.




Fredox Carvalho

INVISTA
COM QUEM
TE APOIA EM
TODOS OS
MOMENTOS.

 **CRESOL**

INVESTIMENTOS

 cresol.com.br/investimentos

TUDO COMEÇA POR VOCÊ.

Inteligência Artificial e seu impacto no agronegócio



Pedro Camilo
é diretor de
Tecnologia da
Informação do
Senar Goiás

A recente perda de valor de mercado de grandes Big Techs como Nvidia (-11,5%), Microsoft (-3,3%), Meta (-3,3%) e Google (-3,2%) em um único dia gerou grande repercussão. O motivo? O lançamento da startup chinesa DeepSeek, que entrou no mercado como concorrente do poderoso ChatGPT (OpenAI). A DeepSeek conseguiu realizar processos semelhantes aos das principais soluções de IA existentes, mas com um consumo de recursos 28 vezes menor, tornando sua ferramenta mais eficiente e democratizando o uso da Inteligência Artificial (IA) em setores de alta demanda.

Diante desse cenário, surge a questão: o agronegócio será impactado por esses avanços? Se os dados divulgados em artigos científicos pela DeepSeek estiverem corretos, essa nova tecnologia poderá atrair não apenas grandes corporações, mas também facilitar o acesso à IA para novas empresas do setor, especialmente as AgTechs (startups voltadas para o agronegócio).

Para ilustrar a diferença de custo, atualmente, o acesso ao ChatGPT com suas principais funcionalidades requer um investimento mensal de R\$ 99 por usuário. Outra opção é a contratação de consultas via API, gerando uma despesa recorrente, que pode se tornar rapidamente escalável e onerosa, sobretudo para startups em estágio inicial. Com a DeepSeek, o custo pode ser reduzido drasticamente, chegando a valores próximos de zero, uma vez que, até o momento, as consultas que são pagas no ChatGPT são oferecidas gratuitamente pela

DeepSeek. Esse fator certamente será determinante para empreendedores na escolha do assistente de IA mais adequado para suas necessidades.

No mercado de AgTechs, observamos um crescimento expressivo. Entre 2015 e 2021, o número de startups desse segmento no Brasil saltou de 100 para 1.500, indicando um aumento anual de 300 a 400 novas empresas, segundo dados do AgTechs Brasil. No cenário global, o número de AgTechs cresceu de 1.500, em 2010, para mais de 12.000 em 2021, conforme informações da Crunchbase, com taxas de crescimento anuais entre 10% e 15%. Em termos de investimentos, apenas em 2025, foram aplicados mais de US\$ 30 bilhões nessas empresas, reforçando a ideia de que a democratização da IA é um caminho irreversível.

Para o agronegócio, o impacto da IA é direto, especialmente diante do crescente interesse por inovações tecnológicas no setor. Estamos vivenciando a revolução do Agro 5.0, com temas como Big Data, IoT, drones, biotecnologia e sustentabilidade cada vez mais evidentes. Esse movimento tende a impulsionar investimentos, que podem se aproximar dos US\$ 100 bilhões até 2030, à medida que o setor cresce e a tecnologia se torna mais acessível e essencial para a produção agrícola.

Portanto, preparem-se! O impacto da inteligência artificial no agronegócio é inevitável, e estar atualizado, capacitado e atento a essas mudanças será uma obrigação para qualquer gestor do setor que queira se manter competitivo no mercado.

Reflorestando para fortalecer o abastecimento pecuário e urbano

Com envolvimento de mais de 60 pessoas, entre produtores rurais, trabalhadores e membros da comunidade de Americano do Brasil, ação do grupo Faeg Jovem do município conseguiu reflorestar mais de 2,7 hectares com espécies nativas

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

Por meio do Projeto Guardiã dos Olhos D'Água, o grupo Faeg Jovem de Americano do Brasil conseguiu fazer a revitalização de cinco áreas na Bacia do Rio dos Bois. Foram reflorestados 2,703 hectares com o plantio de 1.020 mudas de espécies nativas. O objetivo da ação é apoiar a produção agropecuária local e garantir o abastecimento hídrico da região urbana. "Também contribui para a redução dos impactos causados pelas mudanças climáticas ao aumentar a capacidade de retenção de água no solo e promover a recuperação da vegetação nativa", conta a coordenadora do projeto, Cibele Bahia.

Além de garantir a qualidade e a disponibilidade de água, essas iniciativas fortalecem a sustentabilidade da produção agropecuária e promovem a resiliência climática

da região. O reflorestamento das áreas estratégicas contribui para a redução da erosão, o sequestro de carbono e a manutenção do microclima local, reforçando o compromisso do projeto Guardiã dos Olhos D'Água com a conservação ambiental e o desenvolvimento sustentável.

"Foi um esforço coletivo e colaborativo. Muitos voluntários e instituições colocaram os seus recursos porque confiaram em nós, um grupo de jovens com o propósito de desenvolver o município por meio de ações ligadas ao agronegócio. Mas agora vem o maior desafio, que é o monitoramento e a manutenção das mudas para que cresçam saudáveis, se tornem árvores e iniciem o ciclo de reprodução. Neste piloto, as ações são responsabilidade dos proprietários, que precisarão com-

bater formigas, fazer aceiros, manter o cercamento, replantar mudas e controlar espécies invasoras. As tarefas são onerosas e possuem custos envolvidos. Por isso, queremos encontrar parceiros que nos ajudem a apoiar os produtores em todas as fases e inclusive esta tão desafiadora", explica Cibele.

Produtora rural beneficiada pela ação, Cristiane Portugal ressalta a importância do projeto. "Para mim, e para toda a minha família, receber o projeto significa cuidado com o futuro e com o meio ambiente, além de ser um presente



Parte da equipe envolvida na recuperação de área na Chácara do Recanto Feliz

que deixaremos para as próximas gerações, que desfrutarão dos benefícios proporcionados por essa ação”, afirma.

De acordo com o coordenador do Senar Goiás, região Centro Norte, Douglas Vila Verde, a longo prazo a ideia é usar as áreas para promover a educação ambiental nos colégios da rede pública de ensino. Ele explica que, com resultados promissores, a iniciativa também servirá de modelo para a captação de recursos e expansão do projeto. “A meta é ampliar o impacto para outras áreas do município, promovendo o envolvimento contínuo de produtores rurais, instituições públicas e privadas, e jovens comprometidos com a preservação ambiental. A ação reforça o compromisso do Senar Goiás e de seus parceiros com a promoção de práticas sustentáveis e com a educação ambiental, des-

taçando o papel essencial da comunidade no cuidado com os recursos naturais que sustentam o futuro da agropecuária e da sociedade como um todo”, orienta.

Mobilização comunitária e parcerias

As ações envolveram aproximadamente 60 participantes, entre produtores rurais, trabalhadores e membros da comunidade, promovendo a conscientização ambiental e o engajamento coletivo. O projeto, realizado pelo Faeg Jovem, contou com o apoio de diversas insti-

tuições, incluindo: Saneago com doação de mudas; Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag) e Senar Goiás, oferecendo suporte técnico; Grupo Farias - Anicuns S.A. Álcool e Alimentos, com apoio operacional; Secretaria do Meio Ambiente, com ajuda logística e operacional; Secretaria da Agricultura, com fornecimento de insumos; Prefeitura de Itaberaí, com recursos e mudas; e Prefeitura de Americano do Brasil, por meio de apoio logístico e operacional.



Parte da equipe envolvida no trabalho de reflorestamento do Vale do Cedro

Divulgação

Áreas Reflorestadas

1. Fazenda Vale do Cedro: Reflorestamento de 0,195 ha com 150 mudas em nascente afluente do Rio dos Bois, essencial para a região agropecuária;
2. Chácara do Recanto Feliz: Recuperação de 0,231 ha com 150 mudas em Área de Preservação Permanente (APP) do Rio dos Bois, que abastece a cidade;
3. Fazenda Saco da Onça: Reflorestamento de 1,00 ha com 100 mudas em nascente afluente, vital para atividades agropecuárias;
4. Fazenda de Lima: Recuperação de 0,524 ha com 220 mudas em nascente afluente, fortalecendo a produção rural;
5. Pesque Pague do Alírio: Reflorestamento de 0,753 ha com 400 mudas na nascente principal do Rio dos Bois, crucial para o abastecimento urbano.



Parte dos envolvidos no trabalho de reflorestamento no Pesque Pague do Alírio

Divulgação

BYD AGORA É **AGRO**



SHARK Primeira picape plug-in do Brasil

- Tecnologia de ponta, poderosa como o agro
- Super Híbrido Tecnologia DMO - Modo duplo off road híbrida plug-in
- 437 cv - Potência combinada
- Autonomia combinada (NECD): 840km



Escaneie o código QR e fale com um consultor



SOMENTE NA

BYD | **saga**

Brasil na vanguarda climática: COP29 e os desafios rumo à COP30

Com foco na liderança climática, Brasil se prepara para sediar a COP30 com avanços em agricultura sustentável e mercado de carbono

Gabriela Sérgio | gabriela.sergio@sistemafaeg.com.br

A cidade de Baku, no Azerbaijão, foi palco da 29ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP29), realizada no ano passado. O evento reuniu líderes globais, representantes de organizações e especialistas em meio ambiente para discutir soluções frente à crise climática. O Brasil se destacou ao reafirmar seu compromisso com a sustentabilidade e sua liderança na agricultura de baixa emissão de carbono, além de já se preparar para sediar a próxima edição do evento, a COP30, em Belém do Pará, neste ano.

A participação brasileira foi marcada pela presença da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), que levou propostas concretas de mitigação e adapta-

ção às mudanças climáticas. Entre os temas principais abordados pela delegação brasileira, esteve a necessidade de um financiamento climático robusto. Embora tenha sido anunciado um aumento para US\$ 300 bilhões anuais até 2035, a CNA destacou que esse montante ainda é insuficiente.

“A demanda global é de US\$ 1,3 trilhão por ano para que o Acordo de Paris atinja seus objetivos de limitar o aumento da temperatura global. O financiamento atual cobre apenas uma fração disso”, explicou Nelson Ananias Filho, engenheiro agrônomo e coordenador de sustentabilidade da CNA, que integrou a delegação brasileira.

Além disso, a CNA entregou ao governo federal um documento solici-

tando a inclusão do setor agropecuário nas discussões sobre as novas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) para o período 2031-2035. “Não podemos avançar sem considerar o papel estratégico do agro. O setor já adota tecnologias de baixa emissão e é essencial para que o Brasil cumpra suas metas climáticas”, afirmou Ananias.

Durante a COP29, Ananias também participou de um painel sobre “Produção Agrícola Sustentável e o Mercado Global: O impacto do clima nas regulações locais”, realizado no estande da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Ele destacou o papel dos produtores rurais brasileiros na mitigação das mudanças climáticas, ressaltando que sustentabilidade no agro nacional já é



Na COP 29, CNA destaca compromisso do produtor com segurança alimentar, energética e climática

uma realidade. “O que o agro brasileiro faz atualmente em termos de sustentabilidade não é uma promessa para os próximos 10, 20 ou 30 anos, mas uma ação que já existe com a agricultura de baixa emissão de carbono e cumprindo um dos códigos florestais mais rígidos do mundo”, afirmou.

Ananias também mencionou o avanço nas negociações em torno do Trabalho Conjunto de Sharm el-Sheikh, mecanismo que fortalece a visibilidade da agricultura sustentável no contexto global e facilita a captação de recursos e parcerias dentro do Acordo de Paris. “Precisamos desses acordos, não só para maximizar os efeitos e a aplicação de nossas práticas, mas também para promover a disseminação de tecnologias de uma agricultura sustentável e exportar para o mundo o

que nós temos feito na nossa agricultura tropical”, explicou.

A delegação da CNA na COP29 também se reuniu com dirigentes da Federação Canadense de Agricultura (CFA) para discutir parcerias e participou ativamente dos debates no Pavilhão Brasil. Entre os temas abordados estavam bioeconomia, inovação e transparência como soluções climáticas para o agro e economia circular no agronegócio.

Inovação e liderança na agricultura sustentável

O Brasil mostrou-se na vanguarda da agricultura sustentável ao apresentar resultados significativos, como o uso crescente de bioinsumos – biofertilizantes e biodefensivos –, já adotados por mais de 60% dos produtores. Essas práticas promovem solos mais saudáveis e reduzem o impacto ambiental, reforçando o

papel do país como referência global no setor. Outro destaque foi o avanço na regulamentação do mercado de carbono. Estima-se que o Brasil possa movimentar até US\$ 50 bilhões, até 2030, com a implementação eficiente de um mercado regulado, além de habilitar áreas de preservação privada, como reservas legais e áreas de proteção permanente, para gerar créditos de carbono.



Wenderson Araujo/CNA

Presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag e vice-presidente da CNA, José Mário Schreiner afirma que a COP30 é uma oportunidade para mostrar as verdades sobre o agro

Rumo à COP30: responsabilidade e oportunidade para o Brasil

A responsabilidade de sediar a COP30 é vista como uma oportunidade estratégica para o Brasil liderar as discussões climáticas globais. O presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag e primeiro vice-presidente da CNA, José Mário Schreiner, reforça a importância de o país criar uma narrativa própria e assumir protagonismo no evento.

“Nós não podemos perder isso de vista. Se o setor produtivo, seja agropecuário, indústria ou comércio, não começar a se movimentar, seremos tomados de assalto por ONGs internacionais, trazendo um debate sobre o Brasil que não é verdadeiro”, alerta Schreiner.

Ele também destaca a relevância do Código Florestal e os avanços legislativos como diferenciais do país. “Nós temos que criar a nossa plataforma, o nosso debate, para mostrar aquilo que temos de bom. E tem muita coisa interessante, como o Código Florestal e o trabalho do Congresso Nacional, que tem feito sua parte com grande responsabilidade”, afirma.

A COP30 será também o momento de definição das novas NDCs para 2035. Esse compromisso exigirá colaboração entre governo, setor produtivo e sociedade, para que o Brasil apresente metas ambiciosas que equilibrem desenvolvimento econômico, inclusão social e preservação ambiental.

“A COP30 será um marco histórico para o Brasil e para o mundo. Precisamos trabalhar para que esse debate chegue com representatividade e mostre ao mundo que o Brasil é capaz de liderar um modelo de desenvolvimento sustentável”, conclui Schreiner.

Com uma biodiversidade incomparável e um setor agropecuário inovador, o Brasil tem a oportunidade de consolidar-se como referência global em negociações climáticas. Que Belém do Pará, com toda sua riqueza cultural e ambiental, sirva de cenário para o início de um novo capítulo na busca por soluções para as mudanças climáticas.

A melhor seleção do agro está na

Aqui as soluções são pensadas com o **respeito que o seu negócio merece!** Somos um Hub que busca as melhores ferramentas, soluções e programas de aceleração de resultado, tudo pensado para que VOCÊ obtenha **mais resultado, com mais consistência e no menor tempo.**

Participe dessa Seleção que está redirecionando o agronegócio Brasileiro, venha para a AgroSelections!

agro NEGÓCIOS
E OPORTUNIDADES
selections

 **agroselections**
agroselections.com.br



Como cultivar café

Revana Oliveira
revana@sistemafaeg.com.br



Wenderson Araujo/CNA

Envie suas dúvidas

A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail revistacampo@faeg.com.br. Participe!

O elevado preço do café tem despertado em muitos produtores o desejo de cultivar o grão, em Goiás. O estado é o nono produtor, contribuindo com 195 mil sacas beneficiadas, das 51,8 milhões de sacas colhidas e também beneficiadas no País, de acordo com o Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás (Ifag).

Dúvida | Como implantar a cultura desde o início?

Resposta | Vamos começar falando do Coffea Arabica L, conhecido como Café Arábica, o mais cultivado e que corresponde a cerca de 70% do café comercializado mundialmente, produzido no Brasil nas regiões de Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. A variedade mais cultivada é o Catuaí – resultante do cruzamento artificial de cafeeiros selecionados de ‘Caturra Amarelo’, de porte baixo, e ‘Mundo Novo’. A planta é bastante rústica e produtiva, geralmente cultivada a livre crescimento.

Para dar início à implantação de um cafezal, deve-se primeiro escolher a área para o cultivo, considerando o clima, topografia, altitude a textura do solo. A temperatura ideal de cultivo deve variar de 18°C a 23°C. Terrenos planos, suavemente ondulados ou ondulados são mais adequados. Áreas com declividade superior a 20% inviabilizam a mecanização. Posterior a isso deve-se fazer uma análise de solo. De acordo com os parâmetros contidos no resultado, pode-se aplicar por exemplo o gesso agrícola, caso seja necessário para neutralizar o alumínio. Pode-se ainda fornecer cálcio (Ca) e enxofre (S), onde o mesmo também é condicionador de subsuperfície, minimizando os efeitos da acidez de subsolo, além de atuar na correção de solos sódicos. Na sequência, é feita a distribuição de calcário, onde o mesmo irá corrigir a acidez do solo (PH), fornecer cálcio e magnésio, que são macronutrientes essenciais para o desenvolvimento das plantas.

O produtor pode comprar as mudas prontas de viveiristas e de outros produtores de café ou optar por produzi-las em sua propriedade, para reduzir custos de produção e de transporte, além de ter maior controle sobre a quantidade e a qualidade dos insumos utilizados no processo. As mudas devem possuir de 4 a 6 pares de folhas definitivas, serem livres de pragas e doenças, bem nutridas e estarem aclimatadas ao sol. Em regiões quentes, o espaçamento entre linhas pode ser de 2 a 3,5 m; em regiões frias, o espaçamento entre linhas pode ser de 2 a 3,5 m; em áreas mecanizáveis, o espaçamento entre linhas pode ser de 3,5 a 4,0 m; regiões montanhosas sem mecanização, o espaçamento entre linhas pode ser de 2 a 3 m. Já o espaçamento entre plantas em regiões frias, pode ser de 0,7 a 1,0 m; e em áreas irrigadas, de 0,5 m. Posterior a isso deve se pensar na nutrição com destaque nitrogênio, fósforo e potássio (NPK), nitrogênio (N) e micronutrientes cálcio (Ca), magnésio (Mg) e enxofre (S), o cafeeiro precisa de 4 a 6 litros de água diariamente para seu crescimento saudável. Ainda assim, vale apontar que diferentes espécies e variedades terão necessidades diversas. A produção de frutos começa cerca de dois anos e meio após o plantio. As lavouras bem conduzidas podem produzir frutos antes do segundo ano. A produção média de café por hectare no Brasil é de 30,3 sacas. O cafeeiro pode ser trabalhado em consórcio com outras culturas rasteiras, como exemplo da abóbora, melancia, melão e outros, buscando intensificar a utilização das áreas e agregar renda à propriedade. Em outros casos, não havendo cultivo de outras culturas é recomendado que seja trabalhado o consórcio com braquiária ruzizienses, com objetivo de formar um bom perfil de solo.

A produção de café no Brasil enfrenta diversos desafios, como mudanças climáticas, custos de produção, escassez de mão de obra e flutuações de preços internacionais, além de pragas e doenças. Os produtores que recebem acompanhamento técnico têm-se mostrado otimistas devido à grande alta no preço da saca do café. Comparado a outras atividades, a cafeicultura se torna interessante ao ponto que a mesma paga todos os custos de produção e consiga obter lucros acima de 6% comparado as taxas dos bancos. O que temos visto atualmente, devido as altas no preço da saca de café, são produtores com margens superiores a 60% ou seja dez vezes maior que o valor pago na taxa Selic.



Dúvida respondida pelo técnico de campo do Senar Goiás, Alysson Augusto.

Água com sal para matar ervas daninhas

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

A Ana Cristina Moreira colocou brita em uma área de terra que tinha no jardim de casa. No entanto, várias ervas daninhas nascem entre as pedras. Foi indicado por uma vizinha o uso de uma mistura de sal grosso e água para ser borrifada sobre as pragas e que foi muito eficiente. No entanto, na casa dela não deu certo. Ela pergunta: é mito ou verdade se o sal pode ser usado para acabar com o mato indesejado? Se sim, qual a maneira correta de fazer o preparo e aplicação?

Verdade!

O sal age como herbicida convencional e tem sido fonte de estudo para seu uso na agricultura como herbicida para controle de algumas plantas daninhas. Isso acontece devido ao cloreto de sódio (NaCl) ser tóxico para as plantas, o que altera o equilíbrio osmótico nas células causando desequilíbrio nutricional, devido à competição com outros nutrientes; inibição da síntese proteica; prejuízos sobre as enzimas e membranas da planta, o que causa as lesões e a mortalidade do tecido.

A dose recomendada para seu uso como herbicida convencional caseiro, utilizando a dose de 50 gramas/litro de água é a seguinte: pegue 1 recipiente contendo a medida de 1 litro, dissolva 50 gramas de sal grosso (NaCl), misture até que fique homogêneo. Utilize um borrifador ou spray para pulverizar os alvos desejados, ou seja, as plantas daninhas. O horário ideal recomendado para que se obtenha maior resultado é realizar o manejo em períodos mais quentes durante o dia, a partir das dez horas da manhã e antes das 15 horas. O prazo para o efeito e toxicidade no alvo leva em média 12 horas.

Outra opção barata e abundante é a utilização de água fervente, que não é exatamente um herbicida,

mas pode ser utilizada ajudando a controlar plantas indesejadas em alguns locais. Além disso, é um método de utilização e manejo seguro e que não necessita de ingredientes extras.

Para se livrar de plantas daninhas com água fervente, basta jogar, com cuidado, a água sobre as plantas que deseja eliminar. Esse método é eficaz para eliminar plantas daninhas em locais como rachaduras, ou em áreas que você deseja plantar outras mudas, pois não deixa nenhum resíduo ou tem efeitos nocivos a longo prazo.

Outras opções de elementos convencionais que podem ser utilizados junto ao sal (NaCl):

- Vinagre branco destilado, vinagre de maçã ou vinagre de álcool – o melhor vinagre para fazer esse herbicida é um que possui a concentração de ácido acético de 11% ou mais. Porém, você também pode utilizar os de 5% de ácido acético, que são comumente encontrados em supermercados. Misture uma xícara de sal em três litros de vinagre e, em seguida, pulverize a solução nas folhas das plantas que deseja eliminar;
- Detergente líquido neutro — o detergente também pode ser usado por atuar como um surfactante para ajudar o vinagre a aderir à superfície da planta por mais tempo.

Deve-se ficar atento às doses recomendadas para não utilizar em



Divulgação

maior quantidade, respeitando o intervalo de 15 dias entre pulverização, devido a possibilidade de causar desequilíbrio nutricional do solo e diminuição de agentes biológicos.

Os sintomas de toxicidade manifestam-se de uma forma típica para cada elemento e podem aparecer em qualquer cultura se as concentrações de sais nos tecidos são suficientemente altas ou acima dos seus níveis de tolerância. Normalmente, a toxicidade é provocada pelos íons cloreto, sódio e boro; entretanto, muitos outros oligoelementos são tóxicos às plantas, mesmo em pequenas concentrações. A absorção foliar acelera a velocidade de acumulação de sais dos íons tóxicos na planta sendo, muitas vezes, a fonte principal da toxicidade.



Dúvida respondida pelo técnico de campo do Senar Goiás, Alysson Augusto.



Soja - 03 a 28/02/2025

Oscilações no mercado global e valorização no Brasil

O mercado de soja na Bolsa de Chicago (CBOT) apresentou volatilidade no decorrer do mês, influenciado por fatores climáticos, estimativas de produção e condições econômicas globais. As previsões de chuvas na Argentina, importantes para a produção de soja, contribuíram para a pressão baixista nos preços. Além disso, mudanças nas políticas tarifárias dos EUA, incluindo sanções ao México, Canadá e tarifas sobre a China, aumentaram as preocupações sobre o comércio agrícola, impactando negativamente os preços. Em resumo, o mês foi marcado por volatilidade nos preços da soja na Bolsa de Chicago, influenciada por condições climáticas na América do Sul, políticas comerciais dos EUA e ajustes nas posições dos investidores.

O mercado brasileiro foi marcado por uma valorização nos preços da soja, influenciados pelo aquecimento da demanda interna. Segundo pesquisadores do Cepea, mesmo com a colheita de uma safra abundante na América do Sul, preocupações com a produtividade das lavouras ainda não colhidas, o aumento dos custos logísticos e a sinalização do USDA sobre uma possível redução da área plantada com soja nos Estados Unidos ajudaram a sustentar as cotações domésticas. Outros fatores que ajudaram a sustentar os preços foram as preocupações com os custos logísticos e uma diminuição de área plantada da oleaginosa nos Estados Unidos, o que interfere na oferta final a ser disponibilizada



Na última semana do mês de fevereiro, a média geral de área colhida da soja atingiu 48,4%, segundo dados da CONAB.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos em fevereiro/



Tabela 1 - Variação do preço médio da soja em Goiás no mês de fevereiro de 2025.

Descrição	Valor 03/02	Valor 28/02	Diferença
Soja Disponível	R\$112,75	R\$109,00	R\$ -3,75
Soja Balcão	R\$114,45	R\$113,40	R\$ -1,05
Soja Futuro	R\$113,07	R\$113,87	R\$ 0,80



Milho - 03 a 28/02/2025

CONAB estima 69,6% da área total plantada

O mercado do milho na Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT) apresentou volatilidade, movidas por uma série de fatores como o aumento da expectativa de área plantada nos Estados Unidos e as condições climáticas, além das projeções de uma possível safra recorde. A divulgação de informações do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) trouxe indicativos de que a produção poderia alcançar números elevados, gerando especulações sobre o impacto no abastecimento global. Por outro lado, a demanda exportadora se manteve forte, com os Estados Unidos registrando exportações de milho em um ritmo consistente. Esse movimento pode levar a ajustes nas previsões de embarques, o que, por sua vez, pode resultar em uma redução nos estoques finais norte-americanos.

O mercado brasileiro de milho teve um mês de fevereiro marcado por avanços generalizados nas cotações. O físico refletiu uma oferta apertada diante de uma safra de verão modesta, e tende a se manter sustentado até a entrada da safrinha em meados do ano. A valorização mensal do milho foi impulsionada pela demanda aquecida no mercado interno e pelas incertezas tarifárias sobre as exportações dos EUA. Apesar disso, dificuldades logísticas, como problemas no frete e armazenamento voltados para a safra de soja, impactaram o setor. Vale destacar que, A projeção é que a produção brasileira total de milho, na safra 2024/25, alcance 119,5 milhões de toneladas, um recorde considerando a série histórica da Conab. Esse valor representa um crescimento de 3,3% em relação à safra anterior, impulsionado pela recuperação da produtividade das lavouras com destaque para Goiás.



De acordo com a CONAB, na última semana do mês, o plantio da segunda safra no Brasil já atingiu 69,6%.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos em fevereiro/25.

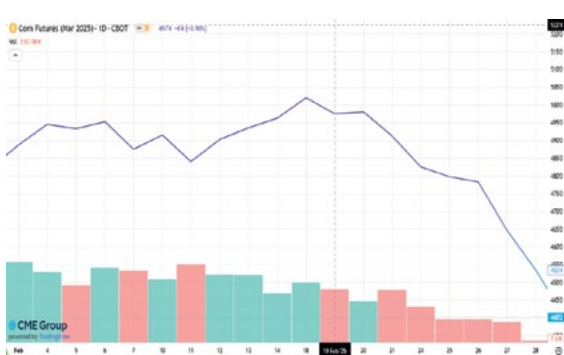


Tabela 1 - Variação do preço médio do milho em Goiás no mês de fevereiro de 2025.

Descrição	Valor 03/02	Valor 28/02	Diferença
Milho Balcão (Média Estado)	R\$ 64,71	R\$ 67,77	R\$ 3,06
Milho Futuro (Média Estado)	R\$ 50,00	R\$ 52,80	R\$ 2,80
Rio Verde	R\$ 66,00	R\$ 68,00	R\$ 2,00

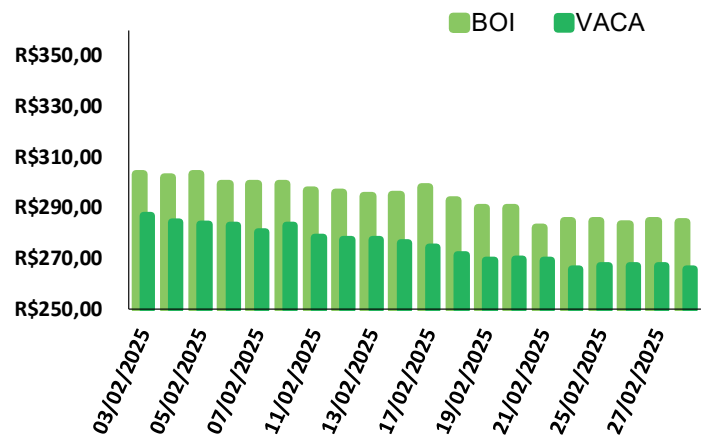


Boi Gordo em Queda: Consumo Fraco Pressiona Preços em Fevereiro

O mercado de boi gordo em fevereiro foi marcado por desvalorizações no mercado interno, pressionado pelo consumo fraco e pelas escalas de abate confortáveis das indústrias frigoríficas. Segundo o CEPEA/B3, a média da arroba do boi gordo no mês ficou em R\$ 319,21, representando uma queda de 4,65%. Já o IFAG apontou um recuo ainda mais expressivo, com a arroba cotada, em média, a R\$ 293,21 (-6,32%), enquanto a vaca gorda foi negociada a R\$ 274,89 (-7,40%). As indústrias frigoríficas operaram com escalas de abate médias de sete dias úteis, aproveitando o cenário favorável para pressionar as cotações. O consumo interno seguiu desaquecido, com os consumidores optando por proteínas mais acessíveis, como frango e suínos, o que dificultou a sustentação dos preços da carne bovina no varejo. Por outro lado, o cenário externo seguiu positivo, com as exportações alcançando um ritmo acelerado. Segundo a Secex, em 15 dias úteis, o Brasil embarcou 153,14 mil toneladas de carne bovina, com média diária de 10,20 mil toneladas, um

aumento de 17,3% em relação ao mesmo período de 2024. O preço pago pela carne no mercado internacional também avançou 11,1%, garantindo suporte para o setor e impedindo quedas ainda mais acentuadas nos preços da arroba no mercado doméstico.

PREÇO MÉDIO BOI GORDO E VACA GORDA À VISTA EM GOIÁS R\$/@



Fonte: IFAG



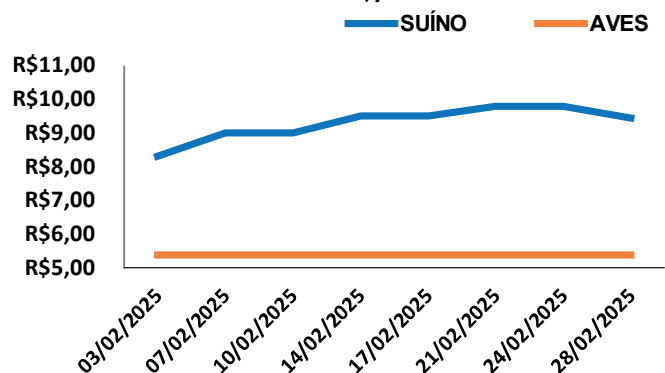
Exportações de Carnes Crescem e Impulsionam Mercado de Frango e Suínos

Em fevereiro, as exportações de carnes registraram crescimento em relação ao mesmo período de 2024, impulsionadas pela forte demanda externa. Segundo a Secex, foram exportadas 355,92 mil toneladas de carne de frango em 15 dias úteis, com média diária de 23,72 mil toneladas (+22,3%). O preço da carne de frango avançou 2,6%. A carne suína também teve desempenho positivo, com 78,12 mil toneladas exportadas (+17,3%), e o preço por tonelada subiu 11% no comparativo anual. No mercado interno, o frango vivo manteve estabilidade em R\$ 5,40/kg ao longo do mês, enquanto o suíno registrou valorização de 13,86%, alcançando R\$ 9,29/kg. O movimento foi impulsionado pela recuperação da demanda, tanto interna quanto externa, com a China e outros países ampliando as compras da proteína brasileira. O consumo doméstico também se manteve aquecido, favorecendo a sustentação dos preços e o aumento da rentabilidade dos produtores.

O milho seguiu trajetória de alta, encerrando feve-

reiro com valorização de 4,73%, a R\$ 65,43/saca. A resistência dos vendedores em negociar a preços mais baixos e a necessidade de recomposição de estoques sustentaram a tendência altista no período.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS R\$/KG



Fonte: IFAG



Varição das chuvas impactar na agricultura de Goiás em fevereiro

Em fevereiro, Goiás apresentou variação nas precipitações, com períodos de chuvas intensas seguidos por uma redução significativa. Nos primeiros dias do mês, algumas áreas receberam volumes elevados de chuva, variando entre 30 mm e 100 mm, com maior concentração no norte e oeste do estado, enquanto o centro-sul e o extremo sudeste registraram volumes menores. Na segunda semana, houve uma redução das chuvas em Goiás, e nos últimos dias do mês, uma janela de estiagem favoreceu os trabalhos no campo, especialmente a colheita da soja.

As temperaturas permaneceram elevadas ao longo do mês, variando entre 24°C e 30°C, mas apresentaram uma leve redução nos últimos dias devido às chuvas esparsas. A umidade do solo se manteve relativamente alta, beneficiando o desenvolvimento das lavouras. No entanto, o excesso de chuvas em algumas regiões dificultou o avanço da colheita da soja, enquanto a estiagem temporária ajudou a melhorar a eficiência das operações agrícolas.

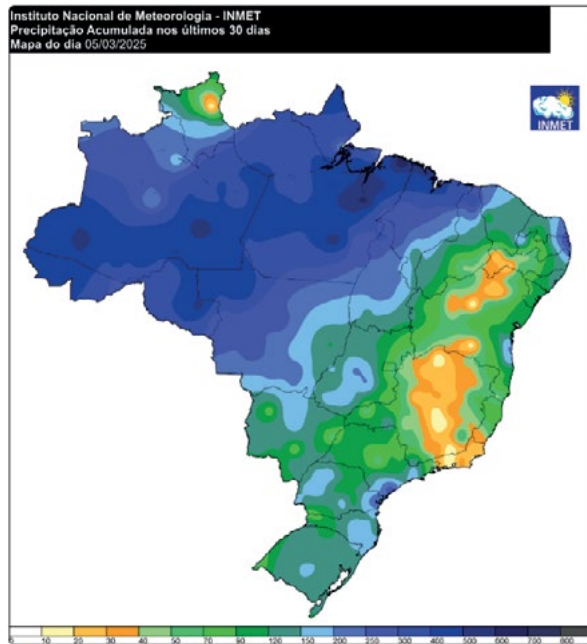


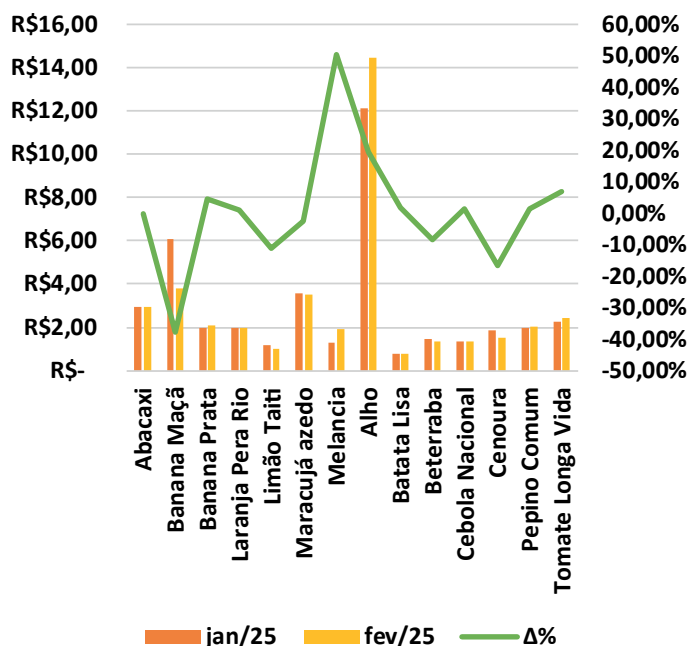
Figura 1: Precipitação acumulada nos últimos 30 dias.



Mercado de hortifrúti apresenta viés misto em fevereiro

De acordo com as cotações realizadas e publicadas pelo IFAG, em fevereiro de 2025, os preços das hortaliças e frutas apresentaram variações mista na CEASA/GO. O alho registrou a maior alta (+19,32%), cotado a R\$14,44/kg, seguido pelo tomate longa vida (+6,95%), a R\$2,41/kg. A batata lisa e o pepino comum também tiveram leves aumentos, de (+1,77%) e (+1,56%), sendo negociados a R\$0,79/kg e R\$2,03/kg, respectivamente. A cebola nacional subiu (+1,30%), cotada a R\$1,34/kg. Por outro lado, algumas hortaliças tiveram queda nos preços. A cenoura registrou a maior redução (-16,77%), ficando em R\$1,54/kg, enquanto a beterraba caiu (-8,33%), com média de R\$1,32/kg. No mercado de frutas, a banana maçã teve a maior queda (-37,96%), com preço médio de R\$ 3,78/kg, seguida pelo limão taiti (-11,29%), cotado a R\$ 1,03/kg, e o maracujá azedo (-2,59%), a R\$3,50/kg. O abacaxi manteve estabilidade em R\$2,96/kg. Já a melancia registrou a maior alta (+50,27%), com preço médio de R\$1,91/kg, enquanto a banana prata subiu (+4,67%), chegando a R\$2,06/kg, e a laranja pera rio teve leve alta (+1,18%), cotada a R\$ 2,00/kg.

Gráfico - Variação Mensal do Hortifrúti no Estado de Goiás



Fonte: Associação de produtores - Ceasa-GO;
Elaboração: IFAG

Estruturação e Sistematização dos Dados Econômicos do Setor Agropecuário do Estado de Goiás



Serviço Nacional de Aprendizagem Rural /AR-GO
Tel.: 62 3412-2700
www.senargo.org.br



Instituto para o Fortalecimento da Agropecuária de Goiás
Tel.: 62 3096-2235
www.ifag.org.br

BOLO DE FUBÁ DE ARROZ NA FOLHA DE BANANEIRA



Romildo Basílio da Silva

Barro Alto 2023

Ingredientes

- ✓ 04 xícaras de fubá de arroz;
- ✓ 03 xícaras de açúcar;
- ✓ 03 xícaras rasas de banha de porco;
- ✓ 02 xícaras de coalhada de leite;
- ✓ 01 colher de sal bem rasa;
- ✓ 01 colher de chá de cravo ou canela;
- ✓ 04 ovos;
- ✓ 01 colher bem cheia de fermento;
- ✓ 350 ml de água.

Modo de fazer

Coloque metade do fubá de arroz em uma panela e adicione 350 ml de água. Mexa sem parar até que fique bem cozido. Despeje em uma gamela, juntamente com o restante do fubá, deixe esfriar para que o restante do fubá fique escaldado. Coloque o resto dos ingredientes e amasse até dar o ponto de massa de pamonha, em seguida, passe na peneira para retirar os caroços. Pegue as folhas de bananeira e lave bem. Passe sobre a chama do fogão e faça os copos. Encha até ao meio, amarre e coloque para assar por 50 minutos, em forno preaquecido a 180 graus.

Rendimento: 40 porções

Tempo de preparo: 1h30



“ Esta receita eu aprendi com a minha mãe, e ela aprendeu com a minha avó. É uma receita muito antiga, a família fazia esse bolo para dar como lanche da tarde para os peões que trabalhavam na lavoura. Eu, muito jovem, amava quando ela fazia esse bolo de arroz, e como a gente foi criado na roça, os meios de transporte eram muito difíceis e não era fácil para nos locomover até as cidades. Tínhamos que nos virar com aquilo que havia em casa. Esse bolo era tradição para a minha família e, por ser um bolo bem saboroso, fazíamos todo final de semana para oferecer às visitas que iam até nossa casa. Esse bolo sempre estará em nossas lembranças e jamais será esquecido, pois, sempre vem passando de geração a geração. ”



Bela e dedicada, planta ajuda a reduzir a inflamação pela doença de Crohn

Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro “Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado”. É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

A Artemísia é uma planta medicinal, da espécie *Artemisia vulgaris*, conhecida popularmente como camomila-do-campo, erva-de-fogo ou rainha-das-ervas. É indicada para auxiliar no tratamento de menstruação irregular, cólicas menstruais ou ansiedade.

A Artemísia tem propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes, antiespasmódicas, antissépticas, antimaláricas, vermífugas, anti-hipertensivas e protetoras do fígado, devido à presença de flavonóides e ácidos fenólicos, na sua composição.

As partes normalmente utilizadas da Artemísia são as flores ou as folhas de onde são extraídas as substâncias ativas com propriedades medicinais. Além disso, possui propriedades estimulantes para o útero, o que pode ajudar a estimular o fluxo menstrual,

regular a menstruação ou aliviar cólicas.

Alguns estudos mostram que as propriedades possuem substâncias com ação anti-inflamatória, como a artemisinina e a cardamonina, que ajudam a reduzir a inflamação causada pela doença de Crohn (uma inflamação crônica do trato gastrointestinal que pode afetar qualquer parte do sistema digestivo), o que pode ajudar a melhorar o humor e a qualidade de vida de pessoas com essa doença. No entanto, ainda são necessários mais estudos que comprovem esse benefício.

Embora tenha muitos benefícios, esta planta medicinal não deve substituir o tratamento médico e nem ser utilizada sem que tenha sido orientada pelo médico ou profissional de saúde com experiência com o uso de plantas medicinais.

Chá de Artemísia

O chá de Artemísia pode ser preparado com as flores ou as folhas dessa planta, para auxiliar no tratamento de má digestão, febre, cólica menstrual ou intestinal, dor de cabeça, ou ansiedade, por exemplo.

Ingredientes

2 colheres (de sopa) de folhas secas de Artemísia.
1 litro de água fervente.

Modo de preparo

Colocar as folhas da Artemísia na água fervente e deixar repousar por 10 minutos. Coar, esperar amornar e beber de 2 a 3 xícaras por dia.



Atenção: Artemísia não deve ser usado por gestantes, uma vez que pode provocar contrações uterinas, e causar aborto. Essa planta também não deve ser usada por mulheres em amamentação.

Compressa de Artemísia

A compressa de Artemísia pode ser usada para aplicar sobre a pele com ferida ou irritação, mas não deve ser usada sobre feridas abertas ou sangrando.

Ingredientes

2 colheres (de sopa) de flores de Artemísia.
500 mL de água.

Modo de preparar

Colocar as flores de Artemísia e a água para ferver por um minuto. Tapar e deixar repousar por cerca de 15 minutos. Em seguida, esperar amornar e aplicar na área da pele afetada, utilizando uma gaze estéril ou um pano limpo e seco, de 1 a 3 vezes por dia.





TECNO SHOW

Comigo

2025





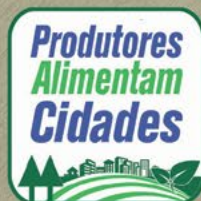
Gerações do AGRO

De 07 a 11 de abril

RIO VERDE | GOIÁS

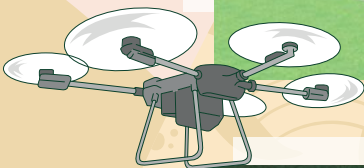
Realização:

   [tecnoshowcomigo](https://www.tecnoshowcomigo.com.br)
[tecnoshowcomigo.com.br](https://www.tecnoshowcomigo.com.br)





Visite o estande que promove mais oportunidades para o agro em Goiás



www.sistemafaeg.com.br
f i x v i n sistemafaeg



SENAR
Goiás



FAEG
IFAG
SINDICATO RURAL

